

A dualidade na visão de mundo dos jovens da periferia: dilemas e perspectivas de vida

Thais Pavez¹

Introdução

O ponto de partida do estudo foi a definição de regularidades nas formas de pensar sobre o mundo de jovens de 16 a 24 anos de idade, moradores da periferia da Zona Norte de São Paulo, que se encontravam vinculados ao mercado formal ou estavam à procura de emprego e, ao mesmo tempo, tinham tido um envolvimento direto ou indireto com a criminalidade. Com a expansão dos postos de trabalho no setor de serviços, que reforçou o contingente da classe trabalhadora (POCHMANN, 2012), e com a organização dos negócios ilícitos na periferia de São Paulo (narcotráfico, roubos e furtos) na primeira década dos anos 2000 (FELTRAN, 2012), acendeu-se o dilema para os jovens entre se envolver no crime ou seguir o caminho do trabalhador. Em termos gerias, o primeiro traz um acesso amplo e rápido ao mercado de consumo, mas aumenta dramaticamente o risco de vida ou de ser preso. O segundo leva ao jovem a realizar trabalhos com baixa remuneração, ganhando aquém do que deseja consumir, mas o protege ou salvaguarda do risco do crime e traz estabilidade para sua vida por meio do emprego formal.

Ao nos concentrarmos nesta encruzilhada, descobrimos duas visões de mundo que se opõem internamente: a do *trabalhador* e o *ladrão*². O objetivo deste capítulo é oferecer uma quadro das representações desta dualidade entre os jovens do estudo. Mostraremos que os jovem estão envolvidos e carregam internamente sentimentos e influências profundamente opostas partir de cada visão de mundo. Ao interior de cada uma identificamos a presença de campos de significação que se entrecruzam na forma de pensar dos jovens em função do dilema dos caminhos a

¹ O presente trabalho é resultado das pesquisas realizadas para a tese de doutoramento no programa de pós graduação em ciência política da universidade de São Paulo.

² Recorremos às considerações teóricas de Gramsci sobre a concepção de mundo das massas populares subalternizadas e o *senso comum*. Partindo do pressuposto de que todos os homens são filósofos, pois apresentam uma concepção de mundo, mesmo que implícita em suas ações, o autor propõe entender os sujeitos subalternos como "filósofos espontâneos", em cujo pensamento coexistem idéias e opiniões esparsas que se combinam de forma, inclusive, disparatadas no *senso comum*. A esse respeito Gramsci aponta que a maior parte dos homens são filósofos "na medida em que atuam praticamente e nesta sua ação prática (nas linhas diretoras de sua conduta) está contida implicitamente uma concepção do mundo, uma filosofia" (Caderno 10, §17, p.325-326). Na comparação com a filosofia, Gramsci aponta que nesta destaca-se a elaboração individual do pensamento; ao contrário, o senso comum apresenta características difusas e dispersas de um pensamento genérico de uma certa época em um certo ambiente popular (Caderno 11, §12).

seguir na vida, provocando uma tensão e uma seqüência de antagonismos que se desprende de cada visão. Também demonstraremos nas seguintes seções que os campos de significação – valores e sentidos– se organizam em torno a três aspectos ou elementos da realidade, que aqui chamamos de vértices por representarem pontos de entrecruzamento: i) a saída da pobreza material e o dinheiro, ii) os rumos dos caminhos a seguir, e iii) a experiência do trabalhador. Esta movimentação de forças, vista na tensão e o conflito interno, é posta em suspensão quando o jovem adota a posição nomeada como neutro, ou "em cima do muro".

Antes de introduzir a análise das representações destas visões entre os jovens, caracterizamos brevemente as condições gerais de trabalho e de estudo, bem como as relações estabelecidas com o crime em meio ao grupo pesquisado. Os jovens entrevistados nasceram nos anos 90. Do total de vinte, nove são mulheres e onze são homens e se encontram numa faixa etária de 15 a 24 anos de idade, sendo que maioria (dezesseis) tem mais de 18 anos. Todos moram com os pais ou no terreno da casa dos pais, com exceção de uma jovem que paga aluguel.

Em relação ao mercado de trabalho, cinco estão empregados com carteira assinada e, do total de casos, doze já tiveram um emprego formal. Dessa forma, pouco mais da metade do grupo tem ou já teve relações formais de trabalho (sete homens e cinco mulheres). Entretanto, o tempo de permanência no mercado formal variou de dois meses a cinco anos. Todos os jovens já tinham passado também por experiências de trabalho informal ou "bicos", sobretudo, na busca do primeiro emprego. Há entre as mulheres (cinco), um grupo que não trabalha nem estuda, cujos rendimentos vêm da ocupação do marido ou companheiro. Com respeito ao nível de escolaridade, a maioria das mulheres (seis) finalizou o ensino médio, duas interromperam e uma ainda está cursando. Já entre os homens, apenas um finalizou os estudos, a maioria interrompeu (seis), dois voltaram no ano em que foi realizada a pesquisa e dois seguem a progressão regular.

A relação com o crime, no caso dos homens, se mostrou o principal fator de abandono escolar, seguido da busca de emprego. O contato direto com o roubo e o tráfico de drogas deu-se apenas entre eles. Do total, sete estavam ou estiverem envolvidos diretamente. Destes, dois chegaram a ser presos e outros dois a cumprir medidas socioeducativas. Os outros receberam convites e eventualmente se aproximaram por meio de amizades e parentes. No caso das mulheres, o contato se deu por meio de relações afetivas e familiares. Seus companheiros, irmãos, pais, tios e primos estavam ou já tinham sido presos. Em três casos, mortos. Observamos também que, sem exceção, jovens de ambos os sexos tinham tido algum amigo preso ou morto.

Deste modo, homens e mulheres compartilham as experiências que decorrem da vida no crime – prisão, visita e estadia nos presídios, morte, presença em audiências e julgamentos, assédio policial. Também participam dos códigos, referências e normativas do que Feltran (2008) nomeou como "mundo do crime". Noção que na "perspectiva dos adolescentes e jovens das periferias de São Paulo, designa o conjunto de códigos e sociabilidades estabelecidas, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos e furtos" (FELTRAN, 2008, p.93). Como o autor mostra, ainda entre os jovens que não têm contato direto com o "mundo do crime", a referência a este é incontornável:

Na pesquisa de campo, mesmo os jovens que nunca estiveram inscritos *no mundo do crime* – que representam a grande maioria da população – não puderam se esquivar de fazer referências a ele. O modo como as fronteiras *do crime* se aproximam de suas famílias e de seus circuitos sociais é múltiplo, mas sempre evidente (*idem*, 2012, p.91).

Assim, por meio de amigos da escola, namorados, vizinhos e parentes, as redes de sociabilidade do crime penetram as relações sociais mais amplas do bairro. Feltran enfatiza ainda mais a presença inevitável do "mundo do crime" quando afirma que jovens de ambos os gêneros compartilham da dualidade discursiva que decorre da coexistência entre o mundo dos trabalhadores e dos bandidos, colocada como um aspecto fundamental nas suas vidas:

meninos e meninas nascidos em famílias de baixa renda, nas periferias das cidade, nos anos 1990, sabem que *o mundo do crime* é um domínio com o qual, querendo ou não, é preciso lidar. A coexistência entre as esferas em que viveriam os trabalhadores e um *mundo do crime* dos bandidos é uma condição instituída em suas vidas. A polaridade discursiva entre eles também (*ibid.*, p.91).

Por polaridade discursiva o autor refere-se àquela colocada entre o mundo do trabalhador e do ladrão e que, como é nossa intenção demonstrar, integram duas visões de mundo que se ligam no interior dos sujeitos. Os jovens aos quais o autor se refere, nascidos nos anos 90 na periferia de São Paulo, correspondem à geração que é objeto desta pesquisa.

1. Saídas da pobreza: Salário x "Dinheiro fácil"

A saída da pobreza e a busca de melhoria das condições sociais mostraram ser o aspecto fundamental no dilema do trabalhador e o ladrão. Ao tomar o dinheiro como vértice descobrimos um plano de significados que se opõem com força diante da escolha de um caminho. Luis apresentou o período de estabilidade maior no mercado de trabalho formal. O jovem nasceu em 1992 e tinha 21 anos da idade quando fizemos a pesquisa. É solteiro e não tem filhos e mora com os pais.

Acompanhamos seu caso de março de 2013 a novembro de 2014³. Além dos depoimentos orais, os encontros envolveram acompanhamentos pelo bairro e outros espaços da vida cotidiana de Luis (a casa própria, de familiares e vizinhos, a igreja e o *shopping*) em distintas regiões da cidade. Está no mercado formal de trabalho há cinco anos e ganha um salário mínimo como auxiliar de motorista escolar. A mesma estabilidade não foi observada em relação aos seus estudos. Luis ainda não concluiu o ensino médio e no período do acompanhamento interrompeu e voltou à escola duas vezes. Atualmente, está tentando finalizar o primeiro ano. O contato com o crime veio por meio do irmão – cerca de dois anos mais velho – com o qual chegou a participar como "laranja" de esquemas fraudulentos, de extorsão e assaltos. No crime, chegou a receber de 7 a 20 mil reais por cada atividade. Além das atividades ilícitas, Luis se envolveu com o uso de drogas, especificamente, com a maconha.

Ao nos contar sobre seu processo de contato com o crime e depois sobre a sua escolha pelo caminho do trabalhador, Luis nos leva a constatar por meio da sua experiência que na vida existem "dois lados da moeda":

Foi uma decisão que eu tomei na minha vida. Eu me espelhava mesmo no meu irmão, meu maior convívio foi do lado do meu irmão. Onde eu estudei – quando comecei estudar eu tinha sete anos, o meu irmão ele já tinha, já tinha uns dez ou onze anos –, eu comecei a estudar lá, ele me protegia de tudo, e isso foi indo a vida inteira, ele sempre esteve do meu lado. A minha mãe ela sempre precisou trabalhar muito, meu pai trabalhava muito, então a gente se via de noite, na hora de dormir, pouco se via, então, fomos criado mais pela minha tia, a nossa criação foi mais por ela [reticência]. Ela criava não, ela tomava conta, minha mãe pagava ela pra olhar nós. Só que sempre fomos rueiros, entendeu? Meu irmão sempre ligeiro tal... mas até então era assim... ficava em cima do muro, via os dois lados da moeda. Via como é que era, o lado que era que a minha mãe sempre nos ensinou; trabalhar e estudar e tal, conseguir. Mas via o lado da rua né, via os caras tal, moto, radio, como é que... isso vai levando a vida... Aí ele como era mais velho, teve o conhecimento de estar fazendo essas coisas, e eu me espelhei nele, ficamos juntos, fomos indo, indo... mas aí chegou um certa época da minha vida, esses tempos atrás, agora que eu segui outro caminho e ele continuou o mesmo, vamos dizer assim, e eu segui o outro caminho... (LUÍS, março de 2013).

Luís retoma sua biografia e mostra a proximidade que teve desde a infância com o irmão, que o protegeu e esteve sempre ao seu lado. Diante da necessidade de ambos os pais trabalharem, era o irmão que fazia o papel de cuidado associado à família. O pai, que era funcionário numa fábrica têxtil, foi despedido em 1995 no processo de "desmanche" da economia industrial. Por conta disso, e a mãe teve que sair de casa em busca de trabalho. Num segundo momento, o pai voltou a trazer rendimentos, mas de empregos esporádicos e informais. A mãe continuou

³ Os nomes dos jovens usados no texto da tese são fictícios. Foram substituídos a fim de preservar a identidade dos participantes do estudo. Com Luis foram realizadas dezesseis entrevistas ao longo do acompanhamento da sua trajetória e faz parte de um dos quatro casos em profundidade do estudo.

trabalhando e começou a estudar para complementar a renda familiar. Por ter que permanecer fora de casa, não pôde continuar cuidando das fronteiras entre a casa e rua cujo objetivo era afastar a desordem que vinha do crime⁴. O cuidado teve que ser substituído pelo "olhar" de uma tia que não impedia os meninos de serem "rueiros". O irmão é descrito como alguém "ligeiro", podemos dizer como um sujeito de esperteza e astúcia, no qual ele se "espelhava", e que portanto, seguia como modelo. Luis relata que sua experiência de vida lhe trouxe dois ângulos de vista. Por um lado, na rua, observou as vantagens da vida no crime, que permitia a outros jovens do seu bairro exibir objetos bastante valorizados – motos e rádios, que ele também desejava. Por outro lado, a mãe tinha lhe ensinado o caminho do trabalhador⁵. Por meio de um roteiro que incluía o estudo e o emprego, poderia melhorar de vida e ascender socialmente. Até então, ele ficava "em cima do muro". Não tinha tomado uma decisão e, portanto, não estava nem de um lado, nem de outro. Mas em seguida relata que após se envolver no crime junto ao irmão – por volta dos 14 anos –, estes se separaram ao escolher caminhos diferentes. O irmão – preso um dia antes da nossa chegada ao campo – decidiu se aprofundar no crime e ele decidiu tentar o lado do trabalhador, seguindo os conselhos da mãe.

Segundo o jovem, com o dinheiro que veio do crime comprou apenas "besteiras" que foram acabando com o tempo, mostrando que esse caminho de fato não chega a outorgar um projeto material como opção de vida para os jovens:

é, eu tinha ainda, tinha minha moto, é que eu só comprei besteira, então, as coisas que eu tinha foi se acabando conforme o tempo. Entendeu?. Tipo, roupa estraga né? a minha moto que eu desfiz mesmo porque foi uma decisão que eu tomei na minha vida que eu falei "eu nunca mais quero nada de ninguém", entendeu?. Então, eu desfiz da minha moto. Peguei, lógico que eu peguei o dinheiro né? mas está sendo um dinheiro indiferente pra mim. Eu recebo mas nem...eu gasto tudo, gasto tudo com ...eu compro celular caro, compro roupa cara, mas com esse dinheiro...com o meu salário não, com o salário eu tenho planos. - Ah... esse daí eu ajudo a minha mãe em casa com meus deveres, que tipo nos combina né? cada um paga uma conta...guardo um pouco (LUÍS, março de 2013).

⁴ No capítulo 1, tratamos especificamente do projeto de vida operário e seu processo de desagregação nos anos 90. Em termos gerais, o projeto tinha como base material o emprego industrial e seu núcleo era a família, que se organizava num arranjo internamente hierarquizado. Havia uma separação entre o papel da mulher, de cuidado interno à casa e dos filhos, e o do homem, que era encarregado da esfera da produção. Com o desemprego em massa, o projeto começou um processo gradativo de desintegração. O homem começa a ter grandes dificuldade de manter o papel assumido. Nesse contexto, as mulheres devem começar a buscar emprego (FELTRAN, 2012; FERREIRA 2002).

⁵ Vimos no capítulo anterior que, no plano das representações, o trabalho era o *caminho* para "melhorar de vida" (CALDEIRA, 1984). O projeto se dava numa forma sequencial, na contramão da experiência histórica dos pobres de interrupções e instabilidades. De acordo com Feltran (2012), os sujeitos deste plano era a família operária, à qual se apresentava como verdadeiro *script* ou etapas a seguir que consistiam na busca de emprego e estudo para conseguir melhores salários. É o que aqui chamamos de "roteiro do trabalhador". As etapas, portanto, formavam o caminho do trabalhador e elas aconteciam ao longo da vida.

A dualidade de visões de mundo também se reflete no orçamento do jovem. Ele aponta que estabelecia uma separação entre o dinheiro dos roubos e o seu salário. O primeiro era todo gasto em celular e roupas caras e, portanto, nada sobrava para poupar ou guardar para um momento posterior ou futuro. O acesso a estes bens outorga aos jovens o poder de "ostentação", que lhes permite se engrandecer ao olhar dos outros da mesma condição social e assim ganhar "status". Já com o salário, Luis tinha planos e também responsabilidades, pagando contas e ajudando em casa.

O dinheiro do crime – que vinha rápido e em altas quantidades– mostra-se como o aspecto preponderante do dilema e pressiona com força no entrecruzamento de visões do *trabalhador* e o *ladrão* a respeito da escolha do caminho do trabalhador. No seguintes entrecruços, com cerca de nove meses de distância entre a coleta de um e outro, vemos que o dinheiro para ter acesso ao consumo era o elemento principal que mobilizava disposições opostas e formava um conflito interior. Por um lado, Luis ressalta a rapidez de obtenção do dinheiro na vida de ladrão e, por outro, o sacrifício que deve levar o trabalhador ao longo de meses para ganhar o que na vida do crime se ganha em um dia:

É muito complicado, é fogo. Tem vez que eu deito na cama, assim, é embaçado... porque você tem a vontade, porra, nós vive num mundo consumista, velho, e você não poder ter nada. Pra você poder ter alguma coisa você vai ter que levar dez anos, e aí aparece a oportunidade pra você ganhar no dia, isso daí deixa a sua mente em conflito com você mesmo, entendeu? Mexe pô! ainda mais nós que é novo, eu começo analisar agora, é embaçado, ainda mais onde nós mora, tudo isso vai levando, entendeu, vai virando uma bola de neve. Mas, sei lá, por mim, tem que ter firmeza, eu fico firmão, trabalho... tá pouco, mas tá vindo, pelo menos (LUÍS, dezembro de 2013).

vou falar pra você, a primeira coisa que passa pela cabeça é "aí que saudade de ter aquele dinheiro" Aí quando eu coloco o pé no meu chão, já muda o meu conceito, falo "não, vou estudar..quando for fazer minha faculdade que for o meu momento, eu acho que vou ter, dinheiro..." então isso vai me dando força, e assim vai. Ah, eu quero fazer hotelaria. Se não vou virar criminalista. Vou ganhar muito bem e vou ir embora daqui. Não gosto de morar aqui (LUÍS, março de 2013).

Após surgir novamente a dúvida sobre o caminho a seguir, em função do dinheiro, Luis assinala que continua "firmão" na intenção de continuar no caminho e que ao colocar o "pé no chão" volta a visualizar a perspectiva da ascensão. O caminho do crime tinha se provado arriscado e, ainda por cima, não mudava a condição social e material do jovem, pois acabava gastando tudo o que ganhava. Desse modo, tinha se disposto a retomar os estudos para obter um emprego melhor, ganhar dinheiro e sair da Brasilândia. Entre as possibilidades de emprego futuro pensou na polícia científica e em estudar hotelaria. Desse modo, além do próprio emprego, os estudos aparecem como centrais para tornar possível a expectativa do

jovem de ascender, uma vez afastada a ilusão da riqueza que vem do crime. Nas entrevistas, Luis mostra que tem a expectativa de morar em Perus. Este bairro pode ser classificado como uma área consolidada, apesar de localizado na periferia. Pelo seu padrão urbano regular, assemelha-se aos bairros da classe média. Muito diferente da periferia mais precária onde mora.

Entretanto, tanto a pressão pelo dinheiro "fácil" do crime, como a dificuldade de retomar e finalizar seus estudos escolares, tornavam o horizonte da ascensão social distante. O conflito entre as disposições internas do ladrão e do trabalhador persistiu no interior do jovem ao longo de mais de um ano e meio de acompanhamento da sua trajetória. Na tentativa de definir um norte para sua vida, Luis tentou saídas que envolviam, paralelamente à continuidade no emprego e retomada dos estudos, desconexões mais e menos radicais do "mundo" – ou seja, da "rua" e seu bairro – que iam do isolamento em casa e do afastamento dos amigos. Quando o irmão saiu da cadeia e voltou a roubar. Por fim, Luis buscou a igreja evangélica, apesar da sua vinculação com o Candomblé por meio da família materna. Passou a frequentar a Bola de Neve *Church* na Lapa – cujo público são jovens de classe média – e depois uma igreja evangélica do seu bairro. Com a conversão a esta última, Luis buscava "extirpar" o ladrão de dentro, como é prometido nos cultos evangélicos (FELTRAN, 2012). No encontro anterior à conversão em dezembro de 2013, tinha sinalizado que gostaria de ter "apenas um lado". Após a conversão, Luis pediu inicialmente para apagar toda sua história passada, que tínhamos registrado por mais de um ano, pois deste dia em diante começava uma nova vida. Luis hoje é um recém convertido à religião evangélica, namora uma jovem de catorze anos da mesma igreja, continua trabalhando como auxiliar de motorista e quer finalizar seus estudos escolares para ser pastor.

O dois lados da vida são também descritos por Gabriel. O jovem tem 18 anos de idade e começou a se envolver em atividades ilícitas aos 12 anos. Nessa época, teve que cumprir medida sócio-educativa em meio aberto pelo roubo de uma moto. Posteriormente, foi para o tráfico de drogas, do qual tinha se afastado recentemente em decorrência da morte de um amigo muito próximo. Dedicou-se agora a trabalhar no negócio do seu tio de funilaria e pintura de automóveis na Brasilândia. Por meio dessa atividade, recebe aproximadamente R\$500 por semana. Seu plano na trilha fora do crime é fazer um curso no SENAI, especializado na área de funilaria e pintura, e ampliar o negócio junto ao seu tio. Segundo relatou, quer contratar um funcionário que fique no seu lugar, pois sua intenção é ser administrador do negócio: "*Gostaria contratar funcionário. Porque eu não pretendo continuar, tipo eu pretendo*

crescer e por alguém pra trabalhar pra mim, Daí eu já ia... Tipo eu não ia fazer mais nada, porque eu ia só administrar. Eu fiz curso de administração também" (Gabriel, agosto de 2014).

Na comparação entre a visão de mundo dos jovens do seu bairro e dos que moram em áreas mais centrais e ricas da cidade, aponta:

A gente cresce em torno de coisas e daí a gente tipo se adéqua, tipo a saber diferenciar o que é bom o que é ruim. O menino se vim de lá [centro da cidade] não vai ter a mesma visão que a gente, porque a gente sabe, mas ele tipo é meio ingênuo. Meio ingênuo ou praticamente ingênuo total. E a gente não, a gente já vai saber o que é bom e o que não é bom pra gente (...)Eu já fui, já fui os dois lados. Agora eu tô tranquilo. Perdi um amigo meu, daí eu parei [de traficar]. Ele morreu de overdose, faz quatro meses. Tinha 23 anos. Agora, estou normal, mais tranqüilo...não se corre tanto perigo (GABRIEL, agosto de 2014)

Aos jovens que moram em áreas mais centrais, Gabriel atribui uma visão ingênua da vida. Diferentemente, os jovens como ele, que moram na periferia, "sabem" e precisam diferenciar o que é bom do que é ruim, em decorrência da sua realidade, que apresenta não só o lado "certo" e ordenado da vida, mas também aspectos ilegais, perigosos e "errados". Daí porque eles não são tomados pela ingenuidade, precisam reconhecer os dois lados da vida, ainda que se mostrem contraditórios entre si. Como o jovem menciona, ele "já foi dos dois lados", mas tomou a decisão de se afastar do tráfico em virtude da morte de um amigo por overdose.

Como trabalhador e traficante, ele recebia um salário mensal e um dinheiro diário que vinha do tráfico. Segundo ele, às vezes na mesma noite, gastava o dinheiro que tinha recebido no dia. Nessa época, conta que as saídas começavam já na quarta-feira:

Tipo de quarta a domingo eu tava saindo, agora é uma vez ou outra, tipo uma vez no sábado, uma na sexta ou nos dois dias, mas não igual antes, tipo de quarta em diante. Saia mais. Isso. É porque eu já recebia o salário, mais o dinheiro que eu fazia ainda. Ó no caso eu traficava. Daí era o quê? R\$500,00 por dia, em uma noite eu fazia. Que era em balada, era 500 por noite assim. E daí eu ia pra fazer os dois, eu curtia e trabalhava (GABRIEL, agosto de 2014)

Ao prosseguir o relato, traz a questão do dinheiro como principal elemento que valorizava e perdeu após decidir se afastar do crime: "*mudou, é claro, o que eu ganho em um mês, antes eu fazia em dois, três dias*" (GABRIEL, agosto de 2014). É isso que os jovens chamam de ganhar "dinheiro fácil" – muito em pouco tempo, sem o "esforço" do trabalho. Ao perguntarmos sobre sua relação com o dinheiro, Gabriel diz ter ocorrido uma mudança de pensamento: "*[E o dinheiro?] Muda também, porque era outro pensamento, o dinheiro gastava na balada, essas coisas, agora tipo valorizo meu dinheiro, porque eu tô ali suando pra conquistar*" (GABRIEL, agosto de 2014).

O jovem assinala que a mudança de caminho vincula-se a uma alteração de perspectiva e de forma de pensar, que se opõe ao apreço pelo "dinheiro fácil". Diferentemente, na perspectiva do trabalhador, passa a ser valorizado o esforço para "conquistar" o dinheiro, que se reflete no seu cuidado ao não desperdiçá-lo em "baladas e essas coisas". Com a escolha, sente-se agora mais tranquilo e seguro em comparação à vida no crime, na qual se corre mais perigo. Por outro lado, as saídas e a "curtição" diminuíram, passando da ocupação de mais de metade da semana para uma vez ou outra.

Gabriel foi apresentando na entrevista os elementos de valorização a respeito dos caminhos a escolher na vida. Vimos que, dentre esses, o dinheiro e a expectativa de uma vida estável se mostraram centrais:

Isso é um dilema não é maioria, são todos, pelo menos na periferia.. Porque a maioria dos jovens já fez alguma coisa dentro dessa área [o crime]. Tipo já viu que ganhou um monte de dinheiro, gastou tudo, então já viu que «vem fácil vai fácil». Tipo, não vamos dizer que é uma regra, mas é uma coisa que vai acontecer. Praticamente, porque você conquistou fácil então você não dá valor, então você vai gastar com qualquer coisa (GABRIEL, agosto de 2014)

O jovem explica que a maior parte dos jovens da periferia são colocados diante de um dilema. Já passaram, segundo ele, por alguma experiência no crime em que comprovou que atividade compensa pelo "monte" de dinheiro que traz. Mas também viram que desse dinheiro nada ficou. Em seguida, Gabriel recorre à expressão adotada pela maioria dos jovens do estudo: «o que vem fácil, vai fácil»⁶ para explicar que o resultado apresenta uma regularidade empírica; "é uma coisa que vai acontecer". Ao trazer como exemplos o desenlace do caminhos tomados feitas por amigos ou parentes de idade próxima, os jovens vão mostrando claramente as conseqüências das escolhas:

Tem um amigo meu pelo menos que saiu e tipo parou, casou e os caramba, parou. Mas sai com uma visão diferente, ah, nunca mais vou fazer isso não, não quero isso pra mim. Igual esses tempos um amigo meu saiu, estava na FEBEM, saiu e morreu, foi roubar um policial e matou ele, 17 anos ele tinha. Tem meu outro amigo [que morreu por overdose] ele era junto comigo, tipo uma parceria mesmo. Fiquei muito abalado (GABRIEL, agosto 2014).

Um dos amigos conseguiu se afastar do mundo do crime e casou. Nas entrevistas, a união afetiva, junto à busca de emprego aparecem como os principais

⁶ Este tipo de expressões populares formam o que Gramsci chamou de "bom senso" dentro do senso comum, dado que outorgam à ação uma direção mais consciente. Nas palavras de Gramsci: "essas expressões populares poderiam ser agrupadas com as expressões similares dos escritores de caráter popular (recolhidas dos grandes dicionários) nas quais entrem os termos "filosofia" e "filosoficamente"; e assim se poderá perceber que tais expressões têm um significado muito preciso, a saber, o da superação das paixões bestiais e elementares numa concepção da necessidade que fornece à própria ação uma direção consciente. Este é o núcleo sadio do senso comum, que poderia precisamente ser chamado de bom senso e que merece ser desenvolvi- do e transformado em algo unitário e coerente (Caderno 11, §12, p.96)

elementos de estabilização para o jovem que começa a tentar o caminho do trabalhador. Outro amigo que estava na FEBEM – hoje Fundação Casa– continuou com as atividades ilícitas. Foi assassinado aos 17 anos por um policial ao tentar roubá-lo. Por fim, seu amigo mais próximo morreu por overdose, aos 23 anos. Além da dimensão econômica, associa-se a este caminho o uso de drogas. Alguns jovens se referem a este caminho do ladrão, também como o caminho das drogas. Os jovens trocam o dinheiro do seu trabalho pelo acesso a elas, e muitos acabam morrendo na situação do amigo de Gabriel. Nas entrevistas, foi bastante criticada a precariedade do trabalho no tráfico que, além disso, envolve menores de idade em atividades de alto risco sem nenhum resguardo formal. Assim como no caso de Gabriel, os jovens estudados ao exemplificarem as escolhas por meio de amigos e irmãos, colocam os elementos que entrecruzam seu pensamento para fazer a escolha.

Nos parágrafos apresentados, foi observada a incorporação dos "dois lados da vida" por formas distintas de pensar. Nota-se também que cada uma apresenta significações positivas e negativas a respeito da vida do ladrão e do trabalhador. Como vimos nas citações, por um lado, aprecia-se a rapidez e as altas quantias da entrada do dinheiro pelo crime, em comparação ao salário. Por outro, este montante também se gasta rápido, enquanto que o salário do trabalhador é valorizado e cuidado porque foi conquistado com "suor". Além disso, a vida do ladrão mostra-se mais divertida, na qual os jovens podem sair e se divertir com o dinheiro que ganham. Por outro, o destino se mostra destrutivo. A vida do trabalhador, ainda que rotineira e sacrificante, oferece estabilidade. Desse modo, os jovens apresentam os elementos de valorização a respeito dos caminhos a escolher na vida – mote do dilema.

Quando entrevistamos Gustavo, estava à procura de emprego para se afastar do caminho do crime. Tem 19 anos, mora com a mãe no Jardim Guarani e não tem filhos. Trabalha informalmente fazendo "bicos" como ajudante de pedreiro junto ao pai da namorada e ganha aproximadamente R\$250 por semana. Nesse ano, tinha conseguido por primeira vez um emprego com carteira numa fábrica de brinquedos, mas que depois de apenas dois meses foi mandado embora. Recentemente tinha feito uma entrevista para o trabalho de porteiro num prédio residencial, agenciado pelo pai, e estava aguardando o resultado. Chegou a completar o ensino fundamental, e tentou duas vezes retomar o ensino médio, mas acabou interrompendo os estudos para trabalhar como ajudante geral em obras de construção. De acordo com Luis, seu primo que tinha recém se convertido à religião

evangélica, Gustavo andava por "mal caminho" e esperava que pronto ouvisse a "palavra do senhor" e se aproximasse da igreja. Vejamos seu relato:

A maior dificuldade dos jovens aqui é procurar um emprego, ficam na rua aí, acham que o dinheiro cai do céu e não cai. Aí ficam fazendo "biquinho" pra poder sair no final de semana. Acho que devia ter mais uma oportunidade, fazer curso, dar oportunidade de arrumar emprego, também tem que ter força de vontade pra isso, tem que querer... Interesse tem poucas pessoas que têm... prefere ficar no meio da rua, aí na esquina... ah, muitos vão para outro caminho, o caminho da droga, vira ladrão quer ir roubar... aí vai preso e depois? aí sai da cadeia, aí apronta de novo, vai preso de novo... isso não é vida, não é vida... você prefere ficar preso lá, vendo o sol nascer quadrado, ou ficar no meio da rua vendo passarinho, ver a rua, sair, poder passear, trabalhar, ter o dinheiro honesto, que "dinheiro que vem fácil, vai fácil", já o dinheiro honesto não, é suado e rende. Dinheiro honesto, ele rende, "porque dinheiro que vem fácil, vai fácil", e o dinheiro honesto ele rende, é do suor, dá para pagar todas as contas e ainda sobra! O outro dinheiro é dinheiro sujo, é do pessoal que rouba, pega o dinheiro aqui, aí já se emociona, quer comprar carro, quer comprar moto, quer comprar roupa e aí acabou o dinheiro. O dinheiro não é seu, é do outro. Eu não suei para ganhar esse dinheiro, então vou gastar tudo, o outro consegue permanecer (GUSTAVO, Julio de 2014).

Gustavo coloca como principal impedimento para seguir a trilha do trabalhador – vista na busca de emprego e a realização de um curso– o desejo pelo "dinheiro fácil" ao ponto de parecer que "cai do céu" em detrimento do dinheiro ganho com esforço que vem do trabalho. O dinheiro fácil vem tanto da realização de trabalhos informais ou "bicos" – situação em que ele mesmo se encontrava– como do caminho do crime. Em ambos os casos, o dinheiro fácil segue seu caminho no gasto em saídas e curtição. A esse respeito, o jovem também cita a expressão "dinheiro que vem fácil, vai fácil" para mostrar que além do risco de ser preso, ainda por cima o caminho do crime não traz segurança material apesar da grande quantia que se ganha e que se gasta em motos, carros, roupas. Em oposição, relata que o dinheiro que se ganha com o trabalho consegue "permanecer" porque foi fruto do esforço e, mais do que isso, ainda sobra depois de ter cumprido suas responsabilidades com a casa no pagamento das contas.

Ao se referir ao caminho da droga – como traficantes– e do ladrão, Gustavo aponta para um dos destinos inescapáveis dessa trilha: a cadeia. Compara a vida na prisão, "vendo o sol nascer quadrado" com o caminho do trabalhador que pode estar na rua, aproveitar a sociabilidade dela e passear. Em outro momento da entrevista, o jovem se assemelha a vida na cadeia ao inferno, em que passam-se tormentos longe da família e das suas referências de vida: *"conheço gente que já foi preso e falam que cadeia é um inferno. Ninguém gosta de estar lá dentro. Passar dificuldade lá dentro...aí o homem chora e a mãe não vê"* (Gustavo, Julho de 2014).

Nesse parágrafo, notamos como alguns dos elementos voltam a aparecer com conotações opostas como visto em outros casos. Se por um lado, a rua representava o lugar de contato com o crime, especificamente "na esquina" do

tráfico, por outro, é o espaço de encontro com os amigos, de sociabilidade e onde acontece a vida, o cotidiano (sai o sol, voam passarinhos, as pessoas vão para trabalhar e passeiam). É onde a vida do trabalhador transcorre. Pela via do ladrão, o jovem se afasta do aspecto positivado da rua e perde a liberdade, pela via do trabalhador, o jovem se afasta do seu aspecto negativado que se expressa em convites à participar das atividades ilícitas. Caracterização semelhante é feita com o dinheiro. Tomando o dinheiro como vértice cria-se um plano de significados que se opõem em termos morais, simbólicos e materiais: o dinheiro *limpo* que vem do trabalho (que perdura e é honesto) e o *sujo* do crime (que é efêmero e desonesto). O dinheiro sujo não se acumula ao longo do tempo. Pelo próprio fato de não lhes pertencer e nem ter passado pelo processo de esforço, não ser "suado", é gasto todo em objetos que sustentam a ilusão material dos mais pobres. O dinheiro do trabalho rende e até sobra alguma coisa após pagar as contas de casa. Por outro lado, o dinheiro do crime é obtido de forma rápida e sem esforços e permite ao jovem o consumo dos objetos que deseja de forma imediata. Já na trilha do trabalhador, o jovem leva longas prestações para acessar ao consumo.

Como visto, além das questões do rendimento e uso do dinheiro, enfatiza-se muito nas entrevistas a diferença no gasto. Com salário do trabalhador consome-se por meio de parcelas no crédito. Diferentemente, com o dinheiro do crime paga-se à vista. Na entrevista com William é feita esta comparação. Ele tem 17 anos, mora com a mãe no Jardim Tereza e trabalha fazendo "bicos" numa gráfica onde recebe R\$200 por semana. Está indo regularmente à escola. O irmão está preso por roubo e tem amigos no crime. Vejamos o seguinte trecho da sua entrevista:

Tipo, trabalha o mês inteiro pra comprar uma moto, comprar um carro. Tem uns que tá trabalhando, fora do crime. Alguns parcelam, né? Depende do trabalho também, né? E tem uns trabalhos que ganha mais, tem uns que ganha menos. Aí dá pra comprar as coisas deles. Demora mais. Porque o crime já, eles... com o dinheiro da biqueira eles já compram a vista, porque dá muito dinheiro. Aí trabalhador não, trabalhador tem que pagar mês em mês, aí tem que pagar parcela. O trabalhador, ele cuida de casa. Ele cuida da casa, faz compra, compra os seus negócios, seu tênis, relógio. Aí de vez em quando, quando sobra dinheiro eles gostam de sair (WILLIAM, setembro de 2014).

O jovem reconhece que por meio do trabalho a compra e aquisição de bens é mais lenta, mas ainda assim possível. Demora e são feitas ao longo de uma série de parcelas. Nessa perspectiva, o trabalhador pode até chegar a comprar os objetos de desejo dos jovens (moto, carro) e gastar nas "baladas" de vez em quando, mas toma muito mais tempo e sacrifício. Além disso, o trabalhador compartilha orçamento das saídas e compra de roupas e com as suas responsabilidades de casa.

Sintetizando, a saída da pobreza material e a melhora da condição social mostraram-se como aspecto principal do dilema dos caminhos a seguir na vida. Esta

expectativa envolve o consumo e a obtenção de *status* e, num plano mais radical, o poder de ostentação que permite aos jovens o exercício de uma supremacia em relação aos outros, ainda que ilusória. Desse modo, o dinheiro coloca-se como vértice principal em que se entrecruzam valorizações opostas que vem do interior da cada visão de mundo. Na perspectiva do *ladrão*, o dinheiro se obtém de forma fácil e rápida em oposição ao salário do trabalhador que não só é muito baixo, como envolve condições sacrificantes de vida para ser obtido. Nesse sentido, os jovens estão dispostos a enfrentar os riscos do crime pela aposta de se tornarem ricos. Ou ainda, gastar tudo o que se recebe para viver nem que seja por um final de semana essa sensação. Por outro lado, na perspectiva do *trabalhador*, o dinheiro do crime "vai fácil" e não perdura nem rende, nem permite ao jovem alterar sua condição social e material a médio e longo prazo. Além disso, envolve uma força destrutiva vista na morte e perda da liberdade de amigos e parentes. Assim, na perspectiva do *trabalhador*, emerge no horizonte uma segunda saída à pobreza: a ascensão social. Por meio do estudo e do trabalho, esperam conseguir um "bom emprego" e ganhar "muito bem" para poder participar de espaços da cidade ou posições ocupacionais que se assemelham àsquelas da classe média. É possível, com isso, melhorar o *status* e também as condições de ingresso. Entretanto, este caminho toma mais tempo e envolve a continuidade dos estudos. Situação que se mostrou mais difícil de ser concretizada pelos homens, que como vimos na apresentação de dados gerais, são os que apresentam mais incidência de abandono escolar.

2. Os rumos da vida: Riscos x Estabilidade

Um segundo vértice no qual se entrecruzam significações polares é o destino ou os rumos da vida. Verificamos uma forte oposição entre a possibilidade de seguir um caminho que outorgue segurança em relação ao futuro e lhe permita estabelecer planos, no caminho do trabalhador, e um caminho de incertezas em que a fortuna tem um lugar preponderante na vida do crime. Se por um lado, a vida no crime é arriscada os jovens se mostraram dispostos a realizar uma aposta e alcançar o sonho de riqueza. Por outro, a vida do trabalhador outorga estabilidade mas nem todos conseguem ascender socialmente. Corre-se o risco de seguir uma vida de realização de trabalhos enfadonhos e mal remunerados.

A oposição entre os rumos dos caminhos é trazida também por Teresa, vista na dimensão do incerto que se coloca para os jovens inscritos na vida do crime e a estabilidade na do trabalhador. Ela tem 22 anos, é solteira e não tem filhos. Mora com a mãe no Jardim Carumbé e é auxiliar administrativa de uma empresa há quatro meses. Seu irmão foi preso por roubo. Segundo a jovem, foi uma experiência

que abalou profundamente a família, sendo que a mãe chegou a ficar doente. Ao lembrar da audiência, retoma um sentimento de injustiça pela desproporção da sentença; segundo a entrevistada, o irmão passou um ano e nove meses na cadeia pelo roubo de um celular. Teresa tem também amigos no crime e sua casa localiza-se próxima ao "Iraque", onde se realizam os "fluxos" aos finais de semana⁷. Regularmente, a polícia "invade" com muita violência esses espaços, provocando tumulto, correria e desespero entre os jovens.

No seguinte parágrafo ela trata dos dois lados da vida e da incerteza do caminho no crime para tentar explicar porque os jovens recorrem às "revelações" futurísticas oferecidas pelas igrejas evangélicas, quando indagamos sobre o assunto:

A vida tem dois lados, um tem diversas curvas. Você, vou avisar pra você: "Olha cara, você não vai por aqui, porque esse lado tem curvas perigosas. Vai por aqui que é mais calmo, você consegue passar". Eu estou te dando um caminho certo, agora se você quer seguir o caminho errado, o que ele vai buscar dentro desse caminho errado? "Ah, eu quero saber no meu futuro, o que vai acontecer". Eles não querem saber que estão no caminho errado, não querem saber o que vai acontecer, ele sabe que tá fácil. Se eu for pelo caminho errado o que vai acontecer? O que pode acontecer comigo? Será que eu vou ser preso? Será que eu vou ser morto? O que acontece, mexe com a curiosidade da pessoa, tipo, se eu não for por aqui, o que vai acontecer? Então eu preciso saber. É onde eles vão buscar o ponto futurístico, né? Infelizmente é isso que está acontecendo. O caminho do trabalhador, isso é o caminho de desafios, diferente daquela coisa do dinheiro fácil. Porque tem muitos que, infelizmente, parte para as drogas, roubo, furto: "Vou roubar um celular porque hoje eu não tenho dinheiro". Infelizmente, hoje, os jovens, têm muitos assim. (TERESA, agosto 2014)

A escolha do caminho, neste caso, aparece configurada por opções que levam à incerteza, por um lado, e a um caminho calmo e tranquilo, de outro. Neste, o jovem consegue "passar" e seguir em frente. Seguir o roteiro do trabalhador, arranjar emprego e estudar, traz segurança e, por isso, o caminho é visto como "certo". Diferentemente, as curvas representam o risco da vida no crime e a incerteza do futuro, após cada uma não se sabe o que esperar; o sucesso ou a morte e a prisão. Por isso, na explicação da entrevistada, os jovens aderem às revelações dos pregadores evangélicos, muitos destes, bandidos conversos (TEIXEIRA, 2009). Desse modo, o caminho do trabalhador mostra-se "certo" e outorga alguma segurança a respeito do futuro se são seguidos os preceitos de buscar um emprego e estudar. Diferentemente, o caminho do ladrão é incerto e cheio de "curvas" e, portanto, a escolha por esta alternativa é uma espécie de aposta de altíssimo risco. É o aspecto da incerteza, reunida à satisfação do desejo

⁷ O fluxo, comum nos bairros periféricos da cidade, é um baile funk que se realiza na rua de forma espontânea com carros equipados com caixas de som. São uma alternativa diante da falta de espaços de lazer, em que os jovens se divertem sem gastar tanto dinheiro.

de dinheiro e poder, que dá o nome "Vida Loka" à vida no crime.⁸ A dimensão do azar atrelada à vida no crime é simbolizada por baralhos, dados e coringas em tatuagens, adesivos e posts no facebook

Teresa traz mais elementos que se opõem à luz do destino e que dizem respeito a dimensão ilusória da vida do crime, por um lado, e à rotina sacrificante mas real do trabalhador, por outro. Teresa relata que o dinheiro do crime serve ao poder de "ostentação" que engrandece ao sujeito diante do olhar alheio que passa a desejar o que é exibido; carro, moto, dinheiro.

Qualquer um que você vê o carro: "Nossa que carro bonito, tal". Mas aí há um desejo de apreciação, mas não há o desejo de ter, de ser igual a ele. Apreciar é uma coisa, você querer ser igual é diferente. Então você quer ser igual, e o que você vai fazer? O cara canta funk [MCs], vai partir pro funk e aí você não consegue. O que você vai fazer? Outro caminho, ganha dinheiro também, mas não a popularidade, aí vai pro tráfico que é o caminho mais fácil e que infelizmente hoje é uma coisa que está absurda (TERESA, agosto 2014)

Ao sonho de riqueza mobilizado pela ostentação, aparecem vinculados dois caminhos para sua realização na perspectiva dos jovens. O primeiro é o caminho da "fama", virando um MC. No funk ostentação são listados uma série de objetos e marcas e se exibem imagens nos videoclipes da internet de um "mundo de luxo" no qual o jovem da periferia, figurado pelo MC, é o protagonista. Mas este caminho da "fama" é mais difícil de alcançar, e então, coloca-se como alternativa o caminho do tráfico. Mas a jovem adverte que por essa trilha alimenta-se, ao invés de um sonho, uma ilusão fugaz que não passa dos finais de semana e saídas:

Digo assim, por exemplo, a pessoa pode estar no final de semana ostentando, andando de carro importado, mas na segunda-feira está no ponto de ônibus, esperando. Você vai viver o que no final de semana? Meu, eu ando de ônibus no final de semana, na semana, pra mim não importa. Mas eu tenho o meu dinheiro, eu não preciso de ninguém. E você está lá postando foto de bebidas caras, com tantos fulanos e na segunda-feira? Você não vai ter que trabalhar de ônibus do mesmo jeito? Você vai andar de carro importado? Então vai! É a realidade, é o que eu sempre falo, nunca feche os olhos pra realidade, a sua realidade. Porque assim, pra eles é momentos! Eu estou aqui, vamos esquecer de amanhã. Eu estou aqui hoje, vamos postar hoje (TERESA, agosto 2014)

⁸ De acordo com Pedro Malvasi (2011), na sua tese de doutorado sobre a Vida Loka, a expressão surge no interior do mundo do crime e circula no cotidiano das "quebradas", e foi adotada não só aos jovens que se relacionam diretamente com o tráfico. Escrita em adesivos, em carros, pichações em muros, a Vida Loka, segundo o autor, constitui uma síntese do "imponderável na casualidade" e revela uma forma de vida que se depara com o caos e desordem e cujo controle escapa completamente ao sujeito. Desse modo, a "vida loka" se opõe a uma concepção de vida racional. Esta vida se expressaria em alguma concepção de progresso. De acordo, com Gramsci o nascimento e o desenvolvimento da idéia de progresso correspondem à consciência difusa de que se atingiu uma certa relação entre a sociedade e a natureza (incluindo no conceito de natureza o de acaso e o de 'irracionalidade'), relação tal que os homens, em seu conjunto, estão mais seguros quanto ao seu futuro, podendo conceber 'racionalmente' planos globais para sua vida" (GRAMSCI, Caderno 10, §48, p.XX).

Ao trazer como contraponto a realidade do trabalhador, é retomada a experiência das segundas-feiras no transporte público – espaço em que a espoliação é vivida de forma dramática– que se coloca invés do carro importado do final de semana. O trecho mostra que os jovens estão dispostos a enfrentar os riscos do crime pela experiência, ainda que momentânea, da riqueza. "Esquecer o amanhã", parece uma forma de afastar os sentimentos de privação e humilhação que decorre do cotidiano do trabalhador. Viver o "momento", permite aos jovens a apelar à "supremacia imaginária" da ostentação, em que as distinções são feitas interior do grupo de jovens pobres e trabalhadores⁹. De fato, a vida no crime é curta. Os jovens não conseguem tornar esse caminho projeto de médio ou longo prazo que mude sua condição social e material. A vida nessa trilha é arriscada e perigosa. Assim, como nos outros casos a oposição entre ambos os caminhos é expressa pelas características dadas ao dinheiro, como aos rumos e ao tempo futuro colocados por cada uma das alternativas. O dinheiro do crime oferece ao jovem poder de ostentação, mas o sentimento supremacia que alimenta é efêmero. É uma vida de "momentos" como os jovens assinalam.

As revelações evangélicas que aparecem citadas por Teresa ganharam papel importante no dilemas entre os dois lados da vida dos jovens e foram bastante citados nas entrevistas. Por um lado, vão para saber o que lhes aguarda no futuro ainda sabendo que o destino do crime não escapa ao que os jovens chamam de "3Cs": Cadeia, Cemitério e Cadeira de rodas. Acreditam numa pequena chance de que seu caso seja a exceção para sair da pobreza por essa via. Desse modo, o material das revelações anunciam o que já seu próprio bom senso sabe e é compartilhado por todos os jovens.

Entretanto, ao ter dificuldades de se afastar desta opção buscam alguma certeza nas revelações feitas por intermédio de pregadores evangélicos que se baseia, por um lado, numa autoridade moral superior e abstrata e, por outro, na própria experiência de vida desses sujeitos¹⁰. As revelações sempre anunciam

⁹ A "supremacia imaginária" como categoria analítica foi apresentada por Teruki (2007) no trabalho do autor sobre o romance *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida, em que buscou mostrar que a dinâmica da rixa e da vingança que identificou na sociedade brasileira do século XIX, ligada aos homens livres, revelava um fundamento social na vida dos pobres. Segundo o autor, a rixa se apresentava para os pobres como o único lugar em que era possível afirmar uma supremacia, um pouco na realidade e muito na imaginação, fora da relação do favor com um poderoso ou um senhor.

¹⁰De acordo com Teixeira (2009), as igrejas pentecostais e neopentecostais dão uma resposta espiritual – da batalha pela alma entre Deus e o Demônio – à questão da violência. Ao colocarem o conflito vivido pelos jovens no plano espiritual, evitam o afastamento dos crentes em relação aos "bandidos", ainda que visto como parte do exército do Demônio: "ao contrário, o caráter proselitista do pentecostalismo produz uma aproximação bastante significativa entre bandidos e crentes" (TEIXEIRA, 2009, p.14). Entretanto, a relação entre os

morte, discórdia, acidentes, prisão e elementos relacionados à vida no crime e aos "3Cs". A experiência pessoal dos pregadores é mobilizada como uma "prova" de que Deus está, na disputa com o Demônio, querendo que o jovem se converta ao seu lado e abandone a vida do "mundo" para poder salvá-lo diante da proximidade do fim dos tempos (TEIXEIRA, 2009; CORTES, 2013)¹¹. Assim, o próprio testemunho de conversão e abandono de uma vida oposta aos preceitos da palavra de Deus anunciam que este é o caminho da salvação de um desastre iminente, vencendo a resistência individual. O mesmo ocorre, quando na tentativa de resolver o dilema os jovens vão à busca de emprego. Leonardo encontrava-se nesta situação quando realizamos a entrevista. O jovem tem 18 anos de idade e tinha sido enviado pela mãe para morar com a avó para que ele pudesse se afastar do crime. Estava morando há pouco tempo em São Paulo e nos relatou que na sua cidade dedicava-se ao roubo. Chegou até a arrumar um emprego com carteira num mercado, onde ganhava um salário mínimo. Entretanto, ficou apenas cinco meses. Tinha começado a frequentar uma igreja evangélica há duas semanas:

Que nem, tem um pastor na nossa igreja lá que ele era do crime. Aí ele tomou um tiro. Aí ficou, não mexia nada a perna, aí depois de uns tempos ele voltou a andar e anda normalmente hoje. Lá eles falam que tem... Jesus Cristo tá dando oportunidade pra nós, porque na primeira vez que eu fui ele já deu o número de dois emprego pra ligar, e tal. É. Deu pra todo mundo, que foi uns cinco, seis meninos. Aí veio o número no dia seguinte, o cara só mandou enviar os dados para ele, essa semana aqui agora. É pra trabalhar com montagem e desmontagem, na Anhembí. Tem carteira assinada, dá condução do terminal Cachoeirinha pra lá. O salário é de 1.200, mais cesta básica. Vou mandar os dados pra ele, se der certo eu vou. (LEONARDO, novembro de 2014)

Leonardo conta que o pastor "era do crime", chegou a tomar um tiro que comprometeu sua mobilidade. Mas mostra que por meio da aproximação a Jesus Cristo o ex-bandido tinha voltado a andar "normalmente". Então, aparece a idéia de salvação divina e o pregador oferta empregos como prova da oportunidade outorgada por Deus para ele mais outros jovens que estavam no culto. O jovem ligou em busca de informações e foi, de fato, oferecido um trabalho no mercado formal, o qual estava disposto a aceitar. Na busca de emprego, o papel de

dois grupos é marcada pela "autoridade moral" que os evangélicos possuem em relação aos traficantes, criando um ordenamento moral entre sujeitos honestos e trabalhadores, e desonestos e bandidos.

¹¹ No trabalho de Cortes (2013), foi estudado o que a autora nomeou de "mercado pentecostal de pregações e testemunhos". Este mercado não só oferece respostas milagrosas às aflições dos sujeitos pobres ou em condições de vulnerabilidade social, como passa a oferecer possibilidades reais de ingressos em carreiras de pregadores. Nessa, a negatividade da precariedade social se torna uma moeda de troca positiva para quem está em busca de um emprego. A principal prerrogativa desses sujeitos é dar testemunho em igrejas e eventos narrando seu passado no crime, prostituição, drogas, etc. Segundo a autora, a despeito da conversão exigir uma ruptura com a identidade anterior e a aquisição de uma identidade religiosa, há nas narrativas de conversão desses pregadores o apelo constante às identidades pregressas.

agenciamento é feito principalmente por familiares e amigos. Mas as igrejas evangélicas vêm ocupando este espaço de mediação.

Entre os jovens da pesquisa, Vidal foi o que teve maior envolvimento com o crime. Tem 21 anos de idade e ficou paraplégico após ter roubado a moto de um policial e levar dois tiros nas costas no momento em que foi apreendido. Posteriormente, foi para a cadeia e se tornou o mais novo entre os presidiários. Era a segunda vez em menos de um ano. Se envolveu com o crime na adolescência por meio do roubo. Manteve esse vínculo ainda quando, aos 18 anos, se empregou como metalúrgico na mesma fábrica em que o pai trabalhava. Mora com os pais e, no momento da entrevista, um dos irmãos estava preso por roubo e outro seguiu o mesmo destino um par de meses depois. Recebe uma aposentadoria pelo INSS (R\$800) e trata-se num centro de reabilitação do governo estadual e tem intenções de fazer um curso de computação. Ainda segue próximo à rede do crime e dos presídios¹².

A respeito dos dois lados da vida, destaca que já foi dos dois, tanto trabalhador como "aprontador":

Eu era trabalhador e aprontador. As duas coisas. E no meu ponto de vista como trabalhador, para conquistar as coisas é difícil. Tem que ter paciência. No outro lado de aprontador, para você ter as coisas é fácil, mas as conseqüências, também, que podem vir na vida, é complicado. Graças a Deus, as coisas que a gente vai adquirindo com a vida, a gente vai aprendendo. Eu tenho minha mente firme e a tendência é só melhorar. Do trabalhador, é só vitória no futuro, acredito eu, «quem espera sempre alcança». E do aprontador, é só destruição, não tem outro caminho. Se eu falar que aconteceu o contrário, vou estar mentindo. Eu já me dei com muitas mentes do lado do crime, também. Então, ninguém consegue sair sem ter algum problema na vida, na vida bandida mesmo, por que é difícil. Por um lado, não se destruir. De não se destruir com a vida, com a liberdade, com a família, num modo geral. No lado do crime, é só destruição. Eu, por exemplo próprio, quando eu fiquei baleado, eu passei num hospital penitenciário. Lá era o fim da picada, de verdade. Ali eu vi o que era o crime. Eu tive a conclusão que não era aquilo que eu queria para a minha vida (...)Eu vi do mal o pior lá. Quando eu falo com as pessoas, eu digo que eu passei no vale das sombras, de verdade (VIDAL, junho de 2014)

Vidal trata cada um dos lados como uma mentalidade e um ponto de vista. No ponto de vista do trabalhador, apresenta-se a ideia da conquista difícil que já foi vista em outras citações e agrega-se aqui mais uma: a necessidade da paciência para percorrer esse caminho. A "paciência de Jó", – citando a Bíblia – para empreender o caminho do trabalhador é muito difícil para quem busca sair da privação do consumo rapidamente. Do lado do "aprontador", pode-se "ter as coisas" em pouco tempo, mas o resultado é invariavelmente destrutivo. O jovem trata esta

¹² No caso de Vítor, decidimos não indagar diretamente a respeito de qual a relação que tinha com o PCC, dado que este não é o objeto da pesquisa. Bastava saber que havia algum contato. Em várias ocasiões fazia referência a debates ou trocas de ideias com o pessoal do crime e chegamos a presenciar um diálogo com presidiários via celular para resolver a punição de um indivíduo.

afirmação como uma verdade que vem da constatação da própria realidade e de outras "mentes do lado do crime". Portanto, quem afirmar o contrário, para ele, é um mentiroso. Aparece aqui a dimensão da ilusão da vida no crime, pois o caminho promete o que no fim não se cumpre: ficar bem de vida e viver sossegado. Nesse sentido, ele afirma: *"quem falar que entrou para o crime e que ficou bem de vida e hoje em dia está sossegado, é mentiroso. A tendência é só piorar. Já teve caso de eu conhecer cara já que ficou milionário, mas está preso, está condenado a vida inteira a ficar preso. O que adiantou ele ficar rico?"* (Vidal, junho de 2014). Fica em evidência aqui, que para além do desejo do consumo e a "vida loka", existe uma grande expectativa desses jovens de sair da pobreza, ficar materialmente "bem de vida" e viverem tranqüilos. O lado do crime, como Vidal assinalou, só tende a piorar no sentido da destruição. Por esse motivo, ele aponta como principal "vitória" do caminho do trabalhador evitar a destruição dos 3 "Cs". Não destruir a vida, a liberdade, e a família de um modo geral. O jovem teria aprendido isso passando por um "vale de sombras" e pelo inferno da prisão.

Foi na prisão que se aproximou da igreja evangélica, como ele afirma: *"Eu conheci através de pessoas que eram da vida do crime. Eu estava muito ruim de mente"* (Vidal, junho de 2014). Por meio da "palavra de Deus", o jovem ressalta ter acalmado e ajudado a aceitar a situação da lesão da coluna e do encerramento, que descreve como desoladora. A leitura da bíblia, era feita segundo Vidal, por muitos dos presidiários inclusive e era uma dos primeiros conselhos que recebeu dos "mais velhos". Nesse sentido, a conversão religiosa é vista como "saída", uma alternativa ao crime pelos próprios "bandidos". De acordo com Teixeira (2009), os "bandidos" adotam o discurso pentecostal em que asseguram que a conversão "é a única saída" do crime. Entretanto, o jovem não chegou a se converter e se mantém ainda próximo ao mundo do crime.

No seguinte trecho, Vidal também retoma a comparação do uso do dinheiro na vida do trabalhador e o aspecto da estabilidade nesse caminho:

Eu era meio doido, eu não namorava, era bicho solto. Até hoje, eu estou legal, tranqüilo. Eu não sirvo para essas coisas, de casar e essas coisas, não tenho paciência. Eu quero ser livre. É muita responsabilidade. Eu já associo isso com a minha situação. Então, a responsabilidade eu tenho que ter só comigo, com a minha família que está do meu lado, só. Eu tinha um salário de trabalhador. É um dinheiro suado que, quando ele é gasto, ele é bem gasto mesmo, bem valorizado. Só que eu juntava com o dinheiro malvado, aí já era, amaldiçoava tudo. E aí é aquele ditado: "o que vem fácil, vai fácil". E eu tinha em mente, assim, eu não me apegava em bem material nenhum. Se eu perdesse hoje, amanhã eu ia batalhar, lutar de todas as formas pra mim conquistar melhor. Eu tinha isso em mente, não se apegar em bem material (...) Uma forma de proteger é gastar bem certinho, não gastar com balada, com besteira, não. O salário de um trabalhador, eu acho que a gente procura focar mais para as responsabilidades. Responsabilidade de você pagar uma dívida, de você poder juntar para poder comprar alguma coisa que você não tem, nesse

sentido. Agora, o dinheiro amaldiçoado, pelo tanto que eu conheço, o negócio vem, às vezes, para se divertir, para comprar coisas, mas é coisa que vem e vai rápido. É só ilusão. Tenho amigo que é trabalhador até hoje, tem uma vida estável, no modo de dizer, tranqüila (VÍDAL, 02 jun. 2014).

No parágrafo, há uma idéia mais geral que a vida do trabalhador leva à estabilidade via emprego e também pela união afetiva. Além disso, dá-se importância nesta visão à responsabilidade com os gastos. Esses aspectos surgem encarnados na figura do amigo e em oposição às próprias escolhas. O amigo é trabalhador e tem uma vida estável e tranqüila até hoje. Ele, Vidal, já era meio "doido", não namorava e também não tem paciência para casar. Ao relatar da vida que tinha como trabalhador, menciona que seu salário era bem gasto e valorizado pelo esforço. Entretanto, Vítor tinha dificuldades em vigiar e cuidar das fronteiras entre o crime e o trabalho e juntava o salário ao dinheiro "malvado". Esse dinheiro ganha a força destruidora que ele atribui ao mundo do crime e acabava "amaldiçoando" também o salário, fazendo com que gastasse o orçamento completo em saídas e bens de consumo. Assim, ganha força de verdade a expressão popular que também cita "o que vem fácil, vai fácil"¹³. Diferentemente, de Luis que diante da dualidade que se manifestava também no orçamento, fazia uma separação entre o dinheiro que vinha do crime e do trabalho.

Sintetizando, vimos até aqui que a dualidade da visão de mundo dos jovens é representada pelo "dois lados da vida", traduzidas em duas perspectivas ou ângulos de vista. Ao interior delas verificamos a presença de campos de significação polares que são mobilizadas em função do dilema sobre qual dos caminhos seguir, o do trabalhador ou do ladrão. Ao colocar o dinheiro como vértice, dada a possibilidade de sair da pobreza material rapidamente que o crime oferece, mobilizam-se forças antagônicas que se entrecruzam na forma de pensar dos jovens, provocando uma tensão e uma seqüência de oposições que se desprende do interior de cada visão. Por um lado, a experiência no crime mostra aos jovens que é possível ganhar muito dinheiro de forma fácil e rápida, sem o sacrifício do próprio trabalho e as longas parcelas de crédito. Por outro, o dinheiro "vem fácil,

¹³ É importante destacar aqui que o jovem lhe outorga ao dinheiro um aspecto religioso. O antropólogo marxista Michael Taussig (1980) em seu trabalho sobre o processo de proletarianização no Peru e na Bolívia conta do pacto com o diabo que os camponeses faziam para aumentar sua produção e como o dinheiro recebido do comércio ilícito com o "maligno" tornava-se estéril. O diabo seria uma espécie de mediador entre o fetichismo tradicional e o fetichismo moderno diante da necessidade de enfrentar culturalmente o fato do aumento da produção capitalista. Por meio do pacto, dessa "força maligna e destruidora" a produção dentro dos canaviais podia ser aumentada. Mas, ao mesmo tempo, o dinheiro ganho não é produtivo; mata qualquer coisa que se compre com ele, "exceto artigos de luxo imediatamente consumidos" (ibid., p.). Assim, o próprio salário também deixa de ser benéfico.

mas vai fácil" e não consegue ser guardado ou poupado porque é gasto rapidamente, às vezes na noite do mesmo dia em que foi ganho. Além disso, "não rende" e nem permite alterar a condição material do jovem a médio e longo prazo. Em relação ao uso do dinheiro, nota-se uma valorização do gasto em objetos de consumo de luxo e marcas e também em saídas e "baladas". O dinheiro em altas quantias outorga ao jovem poder de "ostentação" ao exibir objetos que outros jovens também desejam. Ao se engrandecerem ao alheio, o jovem ganha "status". Por outro lado, os jovens ressaltam que esse poder é passageiro e uma "ilusão". Ainda que possam eventualmente experimentar a riqueza, o caminho do crime leva aos inevitáveis "3Cs"; que se traduzem na perda de liberdade, morte e lesões corporais graves. Assim, o caminho do crime mostra-se incerto e tortuoso em oposição à vida do trabalhador que, ao seguir a fórmula do emprego e os estudos, consegue ter alguma segurança a respeito do futuro e estabilidade. Esta decorre, além do trabalho, da união afetiva.

Em relação às expectativas de vida, verificamos que o aprofundamento no crime vai trazendo mais instabilidade – vista no abandono e retomada dos estudos e de empregos – e destruição à vida dos jovens; perda de liberdade, morte de amigos e parentes, e destruição do próprio corpo. Nesse sentido, a expectativa mais imediata é a segurança e a estabilidade. Em seguida, há um grande desejo de sair da pobreza, poder ter acesso ao consumo e ascender socialmente, e que foi sintetizado na procura de "ficar bem de vida e viver tranquilos". Para os que estão tentando a trilha do trabalhador, coloca-se no horizonte a ascensão social. O estudo nesse caso ganha prioridade para arranjar futuramente um bom emprego. Nesse ponto, os jovens fazem referência à classe média. Ficam assim, numa posição de passagem entre as referências populares – ligadas à família, ao seu cotidiano, amigos – e de classe média, numa referência ao futuro e lugares que não a periferia mais precarizada, onde moram. Entretanto, esta tensão não necessariamente se resolve com as escolhas. Em alguns casos, os jovens se aproximam da igreja evangélica como última tentativa de "saída" do mundo do crime. Foi o caso de Luis. Assim, as incertezas do crime encontram as revelações futurísticas, nas igrejas evangélicas.

3. A experiência no emprego: Trabalhador x "Zé"

A experiência do trabalho que os jovens do estudo tiveram tanto no mercado formal como informal, mostrou-se como outro aspecto decisivo na qual se cruzam significados opostos. Ao colocar a experiência do trabalho como vértice, os jovens trazem valorizações opostas. Em termos positivos, valoriza-se o emprego formal

como um elemento fundamental para, junto aos estudos, iniciar a trilha da ascensão social. Além disso, constitui uma espécie de "salvação" ou "fio de esperança" para os que querem se afastar do caminho do crime, estabilizar a vida ou se independizarem da relação mediada com o dinheiro. Os direitos atrelados à carteira assinada são valorizados pela proteção em relação ao alto risco dos trabalhos informais e a vida no crime. Em termos negativos, aponta-se para os baixos salários, às precárias condições de trabalho, e à humilhação e falta de respeito com que os trabalhadores são tratados cotidianamente nesses mesmos empregos. Como apresentamos inicialmente, todos os jovens do estudo tiveram experiência na informalidade e mais da metade no mercado formal de trabalho.

Nos relatos de Luis, aparecem o altíssimo risco e a exploração que decorre do trabalho no tráfico e na informalidade. Estes foram suas primeiras experiências para ganhar dinheiro. A respeito do tráfico, enfatiza a dimensão do auxílio ao lucro do negócio do tráfico, que compara a uma empresa:

É, você é uma pessoa descartável, é um negócio, né, um jogo de negócio, quanto mais gente mais dinheiro, porque... pra você ter uma empresa você tem que ter funcionários, certo? Quem faz o dinheiro são os funcionários. E na hora que sua mão de obra não for mais preciso você vai ser uma pessoa descartada. A mesma coisa que uma empresa, quando a empresa não precisar mais da sua mão de obra, o que que ele vai fazer? Vai te mandar embora. Mas só que aí você corre dois riscos, né, porque se o seu erro não vai ser aceito e quando eles não precisar você também... (Luis, dezembro de 2013).

Luis observa que a geração do lucro decorre do trabalho dos "funcionários" e da exploração dos jovens que se submetem ao riscos, na ausência de qualquer proteção legal. Como menciona, para os negócios, eles "são descartáveis", expressando a desumanidade que decorre deste tipo de relação de exploração. Por outro lado, os "gerentes das lojas" viraram "top" e são eles que andam em motos, "carrões", que saem com as mulheres mais bonitas do bairro, vão aos camarotes.

Luis começou a trabalhar na informalidade ao tentar se afastar do crime. Com quinze anos, ocupou-se num lava rápido na Lapa por um ano. Após ficar desempregado dois meses, conseguiu um trabalho como auxiliar num açougue da Zona Norte. Os relatos da sua experiência eram de exploração, dada a irregularidade dos horários que era obrigado a cumprir, e de risco, dado o manuseio de instrumentos cortantes e da falta de condições sanitárias seguras no local de trabalho: "*eu trabalhava num emprego bem pior, eu não era nem registrado... trabalhava num açougue. Nossa, era horrível, horrível, horrível, horrível, o único dia que eu ficava em casa era, agora, em semana santa porque não vende carne, só vende peixe (...)*" (Luis, março de 2013). Ele compara a experiência vivida no

açougue a um filme de terror. O cenário era impregnado de sangue, inclusive na própria roupa, corpos esquartejados e uma série de instrumentos (facas, ganchos, machados) perigosos. Segundo seu relato, como o piso estava sempre molhado e com restos de animais, havia um perigo constante de cair com um instrumento cortante na mão. Diante das condições insalubres do trabalho, era levado a normalizar a própria aversão para continuar sua rotina: *"o frango não podia ficar descongelado nem a pau e tinha vez que ficava. Aí tinha que ir lá e ficar tirando aquilo [os bichos] e mexendo. No começo dava ânsia de vômito, mas aí de tanto ficar vendo, de tanto ficar mexendo, pegando, passou a ser uma coisa normal"* (Luis, outubro de 2013).

Somava-se a esse quadro também a violência entre os próprios colegas de trabalho. Em mais de uma ocasião presenciou brigas e xingamentos, sendo que uma das brigas terminou em agressão física com facão. Para ele, esse tipo de trabalho precisa de "coragem" para enfrentar as durezas da rotina. Nesse tipo cita também o trabalho como auxiliar de pedreiro: *eles precisam de gente que tem coragem, entendeu? É a mesma coisa que um trabalho de servente de pedreiro. Você tem que carregar peso, a carga horária é muito exaustiva. Todos os dias eu entrava às cinco da manhã e saía às seis da tarde, porque mentia que eu ia pra escola, porque se não eu ficava até sete, oito* (Luis, outubro de 2013).

Pelos relatos, o dono do açougue não só desrespeitava as leis trabalhistas, como buscava aumentar o tempo de trabalho por meio da intimidação. Para Luis, nesse contexto de informalidade, sem a proteção da lei, era o "medo" que o dono sentia do seu irmão que era do crime o que limitava a exploração. Desse modo, a experiência do jovem na informalidade foi permeada de irracionalidade, violência e ilegalidade. Luis percebe sua exposição ou vulnerabilidade a esta experiência e a diferença em termos do resguardo legal que existe entre o trabalho formal e informal: *"eu não ficava final de semana em casa, eu trabalhava domingo até meio dia e era esse o tempo livre que eu tinha, mas até então eu não entendia, né, de trabalho, eu não entendia de lei, não entendia de nada ainda. Eu era inocente, tudo tava começando, hoje não, hoje eu já entendo"* (Luis, março de 2013).

O trabalho no açougue teria sido para Luis um "trampo", como enfatiza, pois o "emprego", diferentemente, está ligado à formalidade e, portanto, à carteira assinada e ao cumprimento dos seus direitos. Ao sair do açougue, ficou mais seis ou sete meses desempregado, nos quais voltou a se envolver no crime. Mas, em seguida, conseguiu seu primeiro emprego formal, no qual trabalha já há cinco anos. Luis trabalha no setor de serviços, como auxiliar de motorista de transporte escolar, e recebe um salário mínimo e tem carteira assinada. Valoriza o emprego por ter lhe

dado estabilidade e "salvado" do "descaminho" do crime. Nesse sentido, o jovem tem uma clara idéia da experiência da exploração que decorre do trabalho no crime e da informalidade.

Quando iniciamos as entrevistas, Luís já estava empregado há três anos e continuou no mesmo emprego ao longo dos dois anos de acompanhamento. Somavam-se, portanto, cinco anos de estabilidade nesse período. Notório sinal de que a fase de idas e vindas entre ocupações precárias ou esporádicas tinha se finalizado e finalmente estava no caminho do trabalhador.

Eu ajudo o motorista. Isso, eu ajudo a levar as crianças. Aí eu fico monitorando, cinto, cadeirinha, essa coisa toda... vejo a segurança da criança. Eu tenho que zelar pela segurança da criança, essa é minha função. Já estou lá há três anos. Bastante já... foi o que me salvou. Se não hoje eu estava desandando já... Quando eu comecei, foi meu primeiro emprego. Quando comecei, eu estava junto com o meu irmão fazendo coisas que não, não eram legais, não agrada... mas estava dando certo, dava dinheiro, entendeu? Então, nós foi e estava se aprofundando já, aí um belo dia a minha mãe falou "faz uma ficha lá com o Theo", aí ele direcionou. Ela trabalhava na escola que o Theo, que tem a empresa de transporte, presta o serviço pra escola, aí ela falou faz... foi até eu e o meu irmão fazer que nós dois estava desempregado, mas isso nós tinha o que? Dezesete... eu tinha dezesete. Tinha parado a escola, por conta disso daí. Parei no primeiro ano, agora que estou dando continuidade. Mas é que nós estava se aprofundando tanto nessa coisa que estava dando dinheiro, nós estava achando que ia ficar rico entendeu, tipo eu tinha 18 anos na época, então pra mim estava no auge. Eu ichi... não, eu não tinha 18 anos, que tinha era meu irmão, eu era mais novo ainda... eu já tinha moto. Já tinha moto, tinha carro, comprava roupa de R\$1.000 e isso aí foi consumindo, aí apareceu esse emprego e fui vendo que a vida não é desse jeito, aí eu já fui tendo outra visão que não é essa forma que se ganha. O meu irmão não, ele se deixou levar, já se aprofundou mais... aí, infelizmente, isso vai levando a uma coisa... (LUÍS, março de 2013).

No relato, aparece de forma central o papel de salvação que Luís atribui ao primeiro emprego. Salvação do lado do crime que o vinha arrastando para a *vida loka* por meio de motos, carros, roupas caríssimas e com a promessa de que a curto prazo ficaria rico. Sob esse ponto de vista, seu emprego teria evitado que ele ficasse "desandando", ou seja, de fazer um escolha por um descaminho, um retrocesso, que o levaria a percorrer um curso em sentido oposto ao do trabalhador, cujo destino seria inevitavelmente algum dos três "Cs". Este se tornaria um porto seguro e zelaria pela sua segurança. O emprego veio pelas sugestões da mãe – que representa na sua concepção e em seus relatos a ideia, ou a imagem mais acabada, da ideologia do trabalhador. Já o irmão, apesar dos intentos dela para que arranjasse o mesmo emprego que Luís, continuou se aprofundando no crime e acabou sendo preso.

Desse ângulo, os empregos mais disponíveis aos jovens são um "fio de esperança" para afastá-los dos riscos mais imediatos dos empregos informais e o crime e uma forma de aproximá-los ao mundo do trabalhador. Vejamos o relato de

Teresa sobre a *telemarketing* um dos setores de serviços que mais emprega jovens e mulheres¹⁴:

O *telemarketing* é pra aquelas pessoas que tem uma mente que pelo menos tem algum fio, sabe aquele fio de esperança de ajudar dentro de casa, e aí aquele fio traz um pouco mais de responsabilidade, e aí busca. Aquela pessoa que quer o "dinheiro fácil", ela vai atrás da amiga que tem amigos que tem dinheiro. Então assim, eu saio com você, eu faço o que você quiser, mas me põe em uma posição tal. Ou me leva pra tal pessoa, ou faz esquema com tal pessoa. Então elas vão sempre pelo caminho de corpo, eu falo pras meninas que hoje em dia as mulheres não tão se dando ao valor merecido. Não dão. Eu falo porque eu volto à questão da educação, eu fui educada de uma forma que mulher tem que ser total independência, tem que ser independente. Você tá casado, beleza então casamento vai ser uma empresa, casamento é uma empresa, não é eu tenho o dinheiro dia 5 e você tem dia 10, não, nós temos dinheiro dia 5, nós temos dinheiro dia 10. Isso funciona como uma empresa. A mulher quando se tem essa independência, você não vai ficar dependendo de ninguém. Ou então você vai morar com o cara, você vai precisar do cara pra comprar calcinha, não sei o quê, coisas íntimas, se você tivesse seu dinheiro você não ia precisar. Então aí minha mãe sempre falou, você tem que ter sempre sua independência. (TERESA, agosto de 2014).

O primeiro aspecto enfatizado pela jovem é o acesso que o emprego oferece à independência financeira para cuidados pessoais e das responsabilidades com as contas de casa. O trabalho no *telemarketing* daria à mulher a possibilidade de receber um salário que se opõe à relação mediada com o "dinheiro fácil" feita pelos homens que estão inscritos no mundo do crime. A humilhação da dependência é exemplificada na necessidade da mulher ter que pedir dinheiro – e, portanto, submeter-se a decisão dele de dar ou não – inclusive para comprar objetos para o cuidado da sua intimidade. Teresa afirma que uma mulher tem que ter "total" independência. Aqui, entra em cena novamente a mãe como guardiã do caminho do trabalhador. Desse modo, no relato dos jovens o trabalho aparece positivado no seu papel de outorgar segurança e afastar o risco que decorre da realização das atividades ilícitas, no caso dos homens, e a dependência e humilhação da mediação masculina com o dinheiro no caso das mulheres.

Outro fator importante na valorização do trabalho é a amplitude de oferta e inclusão, Vejamos o relato de Teresa:

O que eu tive era... Tinha cobrança, você tinha que estudar, se você não estudava, você não trabalhava. No telemarketing não, você não tá estudando, ou você está estudando e vai pro telemarketing eles não te pedem comprovante nenhum de escolaridade, ou uma declaração. Você vai na escola, pede uma declaração e vai, então eles não te cobram aquilo. O telemarketing pode entrar... Tanto que você pode ver no ramo de telemarketing o que se mais tem?

¹⁴ Nogueira (2009) no seu estudo sobre as trabalhadoras do telemarketing, mostra que ao mesmo tempo que houve uma tendência de "femenização do mundo do trabalho" –visto no crescimento contínuo de emprego os anos 90, no processo de desmanche da economia industrial –se efetivou também em muitos segmentos de prestação de serviços, entre eles o setor de teleatendimento, conhecidos como telemarketing ou *call centers*. Segundo a autora, o perfil do trabalhador de telemarketing é predominantemente feminino e jovem (18 a 25 anos de idade).

Homossexuais e lésbicas! Por quê? É onde a aceitação é maior. Você pode entrar com *piercing*, com cabelo enorme, eles não... Então essas pessoas de diversidade eles aceitam tudo, telemarketing é uma coisa que abrange tudo, todos os sexos, todos os estilo de vida, tudo. Tudo que você pode imaginar o telemarketing abrange. Então a maioria vai por isso, por se sentir bem ali. Não é nem tanto pelo financeiro, é por se sentir bem. Assim, se eu for procurar um emprego em uma empresa eles não vão dar, vão reclamar com as minhas tatuagens, vão reclamar por causa que eu tenho um *piercing*, mas às vezes se você tirar o *piercing*, você vai conseguir uma oportunidade melhor. Mas eles querem ficar onde é mais acessível, onde tem que aceitar. Então às vezes não é questão dele querer, é questão da aceitação. Aceitação. Aceitação total (TERESA, agosto de 2014).

Destaca-se a ampla inclusão e acesso de jovens vistos na "diversidade" dos jovens empregados, tanto em termos das suas preferências sexuais como de estilo de vestir e aparência. Segundo Teresa, jovens homossexuais comporiam principalmente os trabalhadores desse segmento. Seria também uma espécie de porto seguro do ponto de vista do ingresso. Como relata em outro momento da entrevista, ela também "já correu para o telemarketing" quando ficou desempregada e ficou lá quatro meses até encontrar o emprego atual. No trecho já aparecem, entretanto, elementos de ambigüidade à luz da abertura que Teresa chama de "aceitação total" no *telemarketing*. Esta mesma abertura, levaria à contratação de jovens sem exigência de estudo. Do ponto de vista de Teresa, o "fácil acesso" afastaria o jovem do caminho da ascensão social, que deve seguir o roteiro do trabalho e o estudo. Ao fácil acesso também é relacionada a rotatividade. Se entra fácil, mas o período de permanência é curto, como Sara relata no seguinte fragmento:

Telemarketing é um trabalho que trabalha pouco, são seis horinhas por dia, o ruim é trabalhar sábado e domingo, mas...é o emprego mais fácil que se encontra. Você manda o currículo, no outro dia já te chamam pra trabalhar. Ninguém quer procurar alguma coisa diferente. Ninguém quer estudar pra ter alguma coisa diferente. Ah quero ser, isso, quero ser aquilo. Vai no telemarketing que é mais fácil, o importante é ter o salário, pra essas pessoas. São mais as meninas. Mas não ficam muito tempo, Uns 6 meses...de 6 meses a 1 ano, não dura muito. Minha prima trabalha no telemarketing. Reclama muito, porque lidar com gente não é muito fácil. É gente que liga reclamando, é horrível. Você tem o seu salário, mas quem faz o seu salário é você, porque tem meta. Porque dentro do telemarketing você tem suas metas. Tem tempo pra falar com o cliente. Você não pode ficar uma hora com o cliente na linha (SARA, agosto de 2014)

Ir para o telemarketing é a opção "mais fácil", pois praticamente não existe um processo seletivo. Nessa visão, a opção pelo telemarketing não se insere numa busca por bons empregos que vem da seqüência de estudos e trabalho para melhorar as condições sociais e materiais de vida. Ao invés disso, seria objetivo mais imediato de receber o salário e a certeza da aceitação que faria aos jovens buscarem esses empregos. Além disso, Sara aponta que há uma grande instabilidade. A relação com emprego não dura muito e a rotatividade é alta devido aos riscos das condições de trabalho, que incluem metas de produtividade

desgastantes (tempo médio de atendimento - TMA), controle rígido do trabalho, e uma relação tensa e às vezes agressiva com os clientes.

As dimensões da aceitação e da desvalorização dos trabalhos mais disponíveis aos jovens também são sinalizadas na narração de Luzio. O jovem é o caso controle do estudo¹⁵, tem 19 anos de idade e mora em Guaianases com os pais, na Zona Leste. No fim do acompanhamento, teve uma filha com a namorada às quais também foram morar junto com ele em casa. Na período da pesquisa, trabalhou como monitor de uma ONG que, em convênio com a prefeitura, atende jovens e os auxilia na inserção no mercado de trabalho.

Aí, tipo, ela fala do telemarketing, fala que é um trabalho ruim, que você, às vezes, você é muito desvalorizado trabalhando. Ela tava falando do jeito dela. E eu percebo, mano, todo mundo fala mal do telemarketing, cara, todo mundo. Eu não vou trabalhar de telemarketing. Eu já trabalhei de peão, eu preferia trabalhar de peão, porque trabalhando de peão em obra, eu tiro quase dois mil reais por mês, eu prefiro trabalhar de peão do que como telemarketing. Eu tenho uma prima que ela é supervisora de telemarketing, então ela conhece bastante sobre o assunto, e ela fala: o pior trabalho que tem é telemarketing. Pior trabalho que existe nesse mundo. No entanto que os caras mandam embora todo dia e contratam todo dia. É fácil, você chegou lá tá trabalhando já. É igual McDonald's, ninguém quer ficar trabalhando no McDonald's. Ninguém quer trabalhar no Habib's. Como você trabalha nesses lugares se você nem profissão têm lá dentro? Cada dia você faz uma coisa. São trabalhos abusivos. Eu preferia trabalhar de servente de pedreiro, porque eu sei que eu tô ali pra me quebrar, mesmo, então, pelo menos eu sei que eu tô fazendo uma coisa que eu sei que eu deveria estar fazendo. Tipo, eu tô trabalhando de servente de pedreiro, se for aparecer calo na minha mão, ou eu ficar com as costas doendo, eu sei que isso é consequência do meu trabalho. "(LUZIO, dezembro de 2013).

Apesar do *telemarketing* se visto como um dos piores empregos, e por isso desvalorizado, Luzio aponta que tem grande procura entre os jovens. Segundo sua prima, contratam e despedem gente todo dia. Desse modo, a aceitação e a desvalorização se reúnem no processo de exploração que gera uma alta rotatividade dada à baixa remuneração, às longas e extenuantes horas de trabalho, e a falta de expectativa de carreira. Luzio reúne, então, as características dos empregos mais disponíveis aos jovens, visto no ingresso "fácil", e os qualifica como "abusivos". Inclui também os empregos em *fast foods*, Mc Donald's e Habib's, e de auxiliar de pedreiro¹⁶. No rebaixamento das comparações, Luzio dentro desses empregos prefere se "quebrar" no trabalho como servente de pedreiro cujas consequências são visíveis (ficar com calo na mão, as costas doendo) do que aquelas que vem do sofrimento psíquico, especialmente, do *telemarketing*.

¹⁵ A amostra de casos foi controlada pela dimensão territorial. Mantivemos as condições internas (relação com o crime, experiência de trabalho e idade) e externalizamos a região de moradia, por outra área periférica da cidade para a realização do controle dos resultados.

¹⁶ . Estes são os empregos que Ricardo Antunes (1999) inclui numa noção ampliada de classe trabalhadora – todos aqueles que vendem sua força de trabalho em troca de salários– e que incorpora não só os trabalhos do setor produtivo, mas também de serviços, trabalhos *part times*, e o que chama de "novo proletário dos Mc Donald's" (ANTUNES, 1999:103).

É por meio destes empregos, que "estão aí" na busca de mão de obra de menores, que a ONG em que Luzio trabalhava buscava inserir aos jovens no mercado de trabalho, de modo a evitar que continuassem no tráfico ou roubando. Diante das precárias condições de trabalho nessas empresas e as significações negativas atreladas à experiência do trabalho, o dilema dos jovens entre seguir o caminho do crime e do trabalho se acirra.

Assim, começam a aparecer os elementos contraditórios em relação aos empregos formais oferecidos. Os jovens da década lulista encontram empregos com carteira assinada porém, com baixa remuneração, alta rotatividade e condições de trabalho precárias. Portanto, se entrecruzam uma dimensão positiva vista na ampliação do acesso ao mercado de trabalho e uma negativa, nas condições de inserção.

De acordo com Antunes (1999), este tipo de emprego vem de uma imensa precarização do trabalho que se inicia com a mundialização do capital. Dentre esses, destaca o trabalho feminino na confecção de roupas de marca (Zara, Nike, Booksfield, etc) como um modelo que se implementou na indonésia e china. Três jovens do estudo tinham trabalhado na confecção de roupas em condições de trabalho tão difíceis que o tempo no emprego variou de 3 meses a pouco mais de um ano. Kelly, a jovem que se manteve mais tempo nesse emprego, tem 23 anos e é dona de casa e tem dois filhos. Seu marido estava vinculado ao crime, foi preso e ao sair se dedicou à realização "bicos" ajudando à irmã num pequeno negócio. Recebem R\$1200 aproximadamente por mês e conta com algum auxílio da mãe, com quem moram na mesma casa. A respeito da sua experiência a jovem fez o seguinte relato:

Trabalhava em firma de costura, lá na Fideli, no Limão. Era arrematadeira. Arrematava calça. Produz calça da marca Brooksfield. Então, produz. É fábrica, lá. Eles exploram muito. Explora muito e paga pouco. É bem cansativo o trabalho lá. Eles explorava demais. Eu entrava às 7h30, saía às 17h20. Ele explorava porque tinha que fazer a quantidade de calças que eles quisessem, entendeu? Nós tínhamos que dar o máximo de si, fazer 200 calças em um dia, só. Aí tinha que arrematar a frente, atrás, um monte de bolsinho, sabe? Aí queria 200 calças em um dia só. Aí se você não fizesse, eles xingavam você. Xingavam. Falava assim: da próxima vez, se você não fizer tantas calças, eu vou te dar advertência. "Tem que fazer tantas calças, que meu chefe está brigando comigo. Eles estão falando que vocês estão muito moles". Aí eu saí. Eu entrei no INSS, por causa que tipo, a médica falou que eu estava começando a ficar com depressão por causa da firma. Aí eles me afastaram da firma. Aí eu fiquei na Caixa durante três meses, até eu ganhar a nenê. Aí, depois que eu ganhei, aí eu fui lá e pedi as contas. Eles exploravam muito. Eles pegavam mais menina novinha, para trabalhar lá. (KELLY, janeiro de 2014)

Na narrativa, vários fatores de risco para o adoecimento da trabalhadora são citados; principalmente metas de produtividades exaustivas e pressão constante dos supervisores que chegavam inclusive ao assédio, visto em xingamentos e ameaças. Em função de tudo

isso, a jovem foi diagnosticada com transtornos relacionadas ao trabalho, neste caso uma depressão, e por esse motivo foi afastada. Após ser acolhida no INSS e o nascimento da sua segunda filha, pediu demissão. Assim como Kelly, as outras duas voltaram a ficar em casa, na dependência econômica dos companheiros e familiares, e a realizar de vez em quando um "bico" como manicurista, vendedora de uma lojinha do bairro e faxineira. Desse modo, assim como no caso dos jovens, as significações negativas do trabalho levam às mulheres a oscilarem entre a inserção no mercado de trabalho e ficar em casa numa relação mediada com o dinheiro.

Por fim, às precárias condições de trabalho soma-se as que decorrem da experiência do cotidiano do trabalhador no deslocamento pela cidade. Vejamos o caso de Luis. Nas conversas, o jovem busca trazer e valorizar a figura do trabalhador que estuda, acorda cedo, e tem planos para o futuro, mas que em seguida são mobilizadas significações negativas vistas no baixo valor do salário e na experiência do cotidiano que o oprime ao ponto de se ver como um escravo. É dessa ordem de violência a experiência no transporte público:

Tem cena que você vê que é inacreditável, já vi gente tentando puxar celular do bolso do outro, ônibus super cheio... você acorda 5 horas da manhã, e você acha que é legal? Você vê a pessoa tentando puxar seu celular, que você deve ter parcelado em doze vezes lá pra pagar, a pessoa tentando roubar seu celular, você já naquele sufoco e a pessoa tentando [roubar]... já vi muita cena assim... já vi cara sendo pisoteado por causa que tentou fazer isso dentro do ônibus pelas outras pessoas. Mulher grávida já vi cena sendo espremida, ichi... nos ferros... as pessoas sentada não dão lugar. Quando dão saem reclamando e xingando. E assim por diante vai... vai... já vi um motorista prendendo pé da pessoa, a porta prendendo o pé da pessoa por causa que não pode andar com a porta aberta porque se não toma multa, aí tem que fechar e o ônibus abarrufado de gente, aí vai fechar a porta... aí tem que dar um jeito de fechar. Isso do meu ponto de vista, isso aí é desumano. Parece que nós vive numa época de escravidão, mas escravidão mascarada. Tem coisa que você passa ali que é a mesma coisa que estar tomando uma chibatada nas costas, deve ser a mesma dor. Até pior, porque ali você fica com o seu sentimento, também né? Você acaba... tem gente que fala uma coisa muito pesada que você não esta esperando e acaba até... você fica... nossa meu... será que eu mereço ouvir isso; não comigo, mas já presenciei as pessoas fazendo isso... Então você acha, eu não vou falar me revoltando não porque a estrutura da minha mãe ela pega bem firme, então, eu dou uma conversada com ela, dá uma amenizada... mas eu conheço colegas que também, é o mesmo caso, que pararam de estudar, preferiram sair para assaltar por causa dessas coisas, entendeu? Fala "não, não aguento mais meu, tenho que ter um carro, tenho que ter uma moto e com um salário de R\$550, você não consegue ter um carro velho, você não consegue ter... ah então, eu vou roubar, eu quero ter, se eu não consigo dessa maneira [trabalho], vou tentar dessa maneira [roubo]. Acaba conseguindo, e acaba se acomodando naquilo, entendeu? E aí deixa aquilo como uma opção de vida. Conheço muitos colegas que roubam e falam que é profissão. É isso o que eu sei fazer. Tem gente que sabe, que sai pra dar golpe nos outros. Eu tenho um que ele mexe com notas falsas e ele vai lá pro outro lado do mundo lá. E ele fala "é a coisa que eu sei fazer, eu não vou sair pra... não tenho coragem de sair, pra pegar ônibus cheio e para ganhar R\$ 550 por mês" ele fala pra mim... "não tenho nada contra, mas eu não tenho essa disposição que você tem" (LUÍS, 20 de março de. 2013).

Na passagem Luís usa a metáfora do escravo para expressar o patamar rebaixado de civilidade de seu cotidiano. O ônibus remete a um navio negreiro, há pouco espaço, as pessoas são pisoteadas, espremidas, roubadas, xingadas. A sensação de espoliação que vive o trabalhador já começa de madrugada no ônibus.

Na síntese de Luís, é uma experiência desumana. Aqui a desautorização da representação do trabalhador é retomada com tal força que, no fim, o caminho do ladrão parece compensar mais. O trabalhador que compra os objetos de consumo no crediário e leva doze longas parcelas para concluir seu pagamento é roubado antes mesmo do fim da dívida. Assim, ele não só fica sem o objeto, mas deve pagar por algo que já não tem. Acorda cedo, quando ainda está escuro, para ficar em pé e ser submetido inclusive à violência do condutor e dos outros passageiros que se envolvem em ofensas, brigas, etc. Mas Luís enfatiza que não se revolta porque "a estrutura da **mãe pega forte**", então, ao seguir a esse caminho continua acordando cedo, pegando o transporte e indo trabalhar numa rotina que se repete sem qualquer horizonte de mudança dessas condições. Em seguida vem o embate do ladrão, que não tem "coragem" de se submeter ao ônibus e ganhar um salário mínimo que não possibilita o "ter". Por um lado, o próprio jovem se admira da persistência nesse caminho que se opõe à "vida fácil". Por outro lado, sob o ponto de vista do ladrão, o trabalho é um caminho de sofrimento e desrespeito, um navio que leva à perpetuação dessa viagem sem fim. Mal ou bem, tem uma profissão que traz bastante dinheiro. Desse modo, o trabalhador, humilhado, transforma-se num "Zé".

O seguinte trecho da letra da música dos Racionais Mcs "Vida Loka" Parte II ilustra a rebaixamento do trabalhador:

Tempo pá pensar
Quer parar
Que se qué?
Viver pouco como um rei
Ou então muito, como um zé

Às vezes eu acho
Que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato
Só seu

Sem luxo, descalço, nadar num riacho
Sem fome
Pegando as fruta no cacho

Aí truta, é o que eu acho
Quero também
Mas em São Paulo
Deus é uma nota de 100
Vidaloka
(MANO BROWN, 2002)¹⁷.

¹⁷ MANO BROWN. Vida Loka parte II. In: RACIONAIS MC's. Nada como um dia após o outro dia. Unimar music, 2002. 2º CD. Rom. Faixa 07.

Observa-se na letra a explicitação de onipotência do dinheiro: "em São Paulo, Deus é uma nota de 100", colocado num patamar de adoração. Assim, no horizonte coloca-se o dilema de viver muito como um trabalhador, rebaixado a "Zé", ou pouco como um Rei após a conversão do ladrão à *Vida Loka* e se alienar ao Deus-dinheiro¹⁸. Mano Brown confirma esse perspectiva no programa Roda Vida em setembro de 2007 quando é questionado por um dos jornalistas incrédulo e indignado após sua exposição sobre o dilema do trabalhador e o ladrão:

José Nêumanne: Mas, espera aí! A maioria do povo lá no Capão Redondo, na periferia de São Paulo, nos bairros pobres, é honesta. A maioria trabalha. A maioria caminha, vai a pé da sua casa... Esse é o verdadeiro herói brasileiro. O herói brasileiro não é o que delinque, não é o que se torna bandido para se dar bem. O herói brasileiro é aquele que trabalha. E lá no Capão Redondo, de onde você vem, você sabe disso. Quer dizer, o Brasil é um país de 140 milhões de honestos reféns de vinte milhões de desonestos. Nós não podemos considerar como regra o fato de haver políticos bandidos – e há muitos, vários bandidos. Não quer dizer que nós vivemos em uma sociedade... Ao contrário: o verdadeiro herói brasileiro é aquele que levanta às quatro da manhã e caminha à pé da sua casa lá em Capão Redondo até o trabalho dele. Às vezes, lutando com dificuldade para ser honesto.

Mano Brown: Parece letra de *rap* isso aí que você está falando [risos]. A utopia é igual! Infelizmente, na realidade a gente sabe que os heróis estão cada vez mais humilhados, né? Sem direito, sem escola, sem hospital... E os moleques passam a ver que ser herói não vale tanto à pena, entendeu? O garoto só apanha (MANO BROWN, 2007)¹⁹.

Observa-se que o *rapper* retira o conflito do âmbito da moralidade e do polo da ordem em que tinha sido colocado pelo jornalista, "entre brasileiros honestos e desonestos". Ao retomar uma perspectiva contraditória, explicita a fragilidade dos aspectos positivos inseridos na visão de mundo trabalhador à luz de uma realidade desumana, como diria Luís. Mano Brown confirma a figuração do trabalhador humilhado.

Sintetizando, se por um lado há uma expectativa de estabilidade e melhorar as condições materiais de existência na busca de emprego entre os jovens, por outro, o ressentimento descreve o sentimento de "inferioridade" e injustiça que

¹⁸ Esta seria uma das ideias centrais da concepção do capitalismo como religião que destaca Michael Lowy (2014) na análise dos escritos de Walter Benjamin, inspirados n'A *ética protestante e o espírito do capitalismo* de Max Weber. Segundo Lowy, o autor substitui a abordagem "axiologicamente neutra" de Weber por um fulminante requisitório anticapitalista. Nos trechos selecionados por Lowy dos documentos de Benjamin são descritas "as práticas culturais do Capitalismo" que trata o dinheiro como sendo o Deus criado pela humanidade. Em termos da atribuição da onipotência e universalidade, ha um diálogo com os escritos de Marx sobre o dinheiro em seus *Manuscritos*.

¹⁹ MANO BROWN. Mano brown: DEPOIMENTO [Set. 2007]. Entrevistador: José Nêumanne. São Paulo. Entrevista concedida ao programa Roda Viva da TV CULTURA.

decorre da experiência de espoliação cotidiana do trabalhador, diante os quais os jovens sentem-se impotentes (LIPSET, 1967; KEHL, 2011). A precariedade dos trabalhos formais aproximam aos jovens aos seus dilemas; tanto na opção pelo "dinheiro fácil" na vida do crime, como pela mediação com o dinheiro no caso das mulheres. Assim, do ponto de vista do *trabalhador*, o emprego outorga segurança e o afasta dos riscos da vida no crime e da dependência relacional. Mas sem os estudos e portanto do horizonte da ascensão social, o emprego mostra-se positivo apenas em termos de estabilidade. Na visão do *ladrão*, a rotina que se repete de espoliação sem qualquer possibilidade de alteração da condição social mais geral desautoriza ao trabalhador e o transforma num Zé. Assim, a vida no crime mostra-se mais atrativa, pois apesar de fugaz é possível sair do posição de inferioridade em que o trabalhador é colocado.

4. O dilema e aspectos da condição feminina

Ao tratar das representações da dualidade de visão de mundo do *trabalhador* e o *ladrão* encontradas nos jovens do estudo verificamos um elemento ligado às relações de gênero para compreender a mobilização das polaridades internar em função ao dilema da escolha sobre os caminhos a seguir na vida. Descobrimos que, assim como no caso dos homens, o dinheiro como vértice do dilema organizava os campos de significações antagônicas. No entanto, havia uma mediação relacional com o dinheiro que se colocava no caso das mulheres. Ao responder à nossa indagação sobre a questão do trabalho feminino, Teresa nos chamou a atenção sobre a dualidade de visões e os caminhos a seguir:

Aí também tem duas visões diferentes. Em redes sociais, está acontecendo muito de status, né? Você namora a menina mais top da escola. A menina mais bonita. Esses meninos namora então a menina mais top da escola, e pra bancar ela? Pra bancar, ele tem que fazer alguma coisa, pra onde ele vai? [assinala o caminho do ladrão]... E aí a menina é assim, também quer namorar, vamos supor, está acontecendo muito, namoram esses ladrãozinho, sabe? Está andando de moto e a menina quer andar de moto, então aquela menina procura um moleque de moto porque ela acha bonito ficar em cima de uma moto, sendo que os dois dão menores. Olha, explicar isso é muito difícil porque é o que mais acontece. A gente que tem essa visão do lado de cá, é o que a gente fala com convicção, vê no dia a dia. Menina de 13 anos, moleque de 17 ou 15 anos, pilotando, acha bonito pilotar uma moto e acha bonito ter uma menina na garupa. E quem coloca a gasolina? O dinheiro errado. É fácil? É, "é um dinheiro fácil, mas também vai fácil". Porque, às vezes, ele trabalha durante a noite pra gastar no dia ou ganha no dia pra gastar a noite. E acontece bastante isso e eu vejo que os peixes grandes lá, que é o dono de boca de fumo não coloca a cara pra bater, você vai à boca do cara lá, é tudo moleque de 12, 13 anos. Então, aí você vê os "tops" andando de carro importado, carro do ano, vai pra balada, fica postando foto de camarote com bebida cara. (TERESA, agosto de 2014)

Na perspectiva do *ladrão*, a obtenção de *status* – diferença em termos de prestígio pelo lugar socialmente mais elevado que se ocupa – motiva as ações dos jovens tanto por homens como por mulheres. Eles buscam as meninas "top" da escola, que pela sua beleza estão acima das outras. Por sua vez, para poder estar com elas, os meninos precisam "bancar", ou seja oferecer algo que também lhes outorgue *status*. A entrevistada cita o exemplo do passeio em moto para mostrar como ambos exibem tanto a moça "top", como a moto. Teresa assinala, então, que o crime é sustento material desse jogo de obtenção de *status*, também conhecido como "ostentação". Refere-se ao dinheiro "errado" que o jovem obtém do tráfico ou do roubo, que chega a gastar em menos de um dia nessa dinâmica. Acima desses jovens, estão os traficantes. Donos das da boca de fumo e que usam do trabalho de menores no seu negócio. Segundo a entrevistada, o traficante encarna a figura "top" no caso dos homens, que anda de carro importando, vai ao camarotes e bebe do mais caro.

Na perspectiva do *ladrão*, as mulheres devem ser "realizadas" por bens, reforçando a lógica do jogo de obtenção de *status* sinalizado por Teresa. Vejamos a seguinte narrativa de Luis:

Mulher acho que daqui...tipo... tem que realizar elas com bens também, um carro pra ela andar, uma moto bonita pra ela andar, já era...você tem ela do seu lado até o momento que você perder isso que você tem," você vale pelo que você tem"...assim, bem dizendo...não todas [pensam assim], mas as que vivem nesse mundo aí, entendeu? As que não são [desse mundo] acho que nem saem pra rua. Tem as que trabalham, que vai lá...porque gosta de funk né, tem gente que vai porque gosta de dançar o funk, tal... As meninas tem umas que traficam, tem umas que gostam de tá vendo aqueles ..você acha que aqueles cara tem um poder que ele vai ter que ser o homem dela, entendeu? aí..cada um...(LUIS, março 2013)

A outorga mutua de status leva à confirmação, sob esse ponto de vista, do ideário da ostentação cuja pregação central é "você vale pelo que você tem". Frase que passou para o senso comum e é freqüentemente citada nas entrevistas. Esta seria a regra das aproximações entre jovens no âmbito das saídas e baladas. Segundo Luis, as outras mulheres, que não "desse mundo" – em que se ostenta principalmente com o dinheiro que vem do crime –, "nem saem" para a rua. Indicando a presença de um grupo de mulheres afastadas da sociabilidade geral em que o funk se inscreve. As que estão nesse mundo tem um envolvimento direto com o crime ou indireto por meio da aproximação com os homens. Há, um terceiro grupo, ainda. As jovens que trabalham e que vão aos bailes apenas para se divertir.

Teresa prossegue a explicação do envolvimento das mulheres, relatando que a exibição de um corpo bonito é mobilizado como recurso para "ganhar a atenção deles".

O que elas fazem? Ai elas se envolvem, tem um corpo bonito começa a se mostrar pra poder ganhar a atenção deles. Ganhou a atenção dele, elas ganham. Não importa se você tá comigo e com mais três, eu tô com você e é status. Hoje, infelizmente é o que acontece. Hoje você pode ver, hoje em dia tem muito jovens em academias, bastante, você pode ver que o mundo *fitness* expandiu. A cada esquina você encontra uma academia, antes não via. (TERESA, agosto de 2014)

No trecho, a relação que estabelece é bem direta; "ganhou a atenção dele, elas ganham". Desse tipo de aproximação, não se espera fidelidade nem apego, pois o objetivo é alcançar o status. Isto incentiva, segundo a entrevistada, às jovens aperfeiçoar o corpo na academia e teria levado à expansão do que nomeou "do mundo *fitness*". Teresa constata que houve uma proliferação na periferia de academias, que antes nem se viam. Este seria o que ela chama de "caminho do corpo", que é colocado também como parte dos esforços pessoais para conseguir alcançar uma posição elevada. Vimos, em outras entrevistas, que este caminho também é seguido pelos homens e trata-se de uma maneira de melhorar a própria imagem. Como alternativa à veiculação do status por meio dos homens, Teresa aponta para a esfera do trabalho destacando que é possível melhorar as condições sociais por meio do caminho da ascensão:

Ela não pode cobrar nada porque ela sabe que tem ela e mais três, ela é mais duas, sabe que o cara é do mundo, sabe que o cara curte status. Pra você ele vai lá, passa uma noite, na balada seguinte ele não vai estar com você, vai tá com outra. E isso você sabe, é uma coisa que acontece muito, muito, muito mesmo. E eu sempre falo pras minhas amigas, a gente sempre sai em quatro, cinco meninas, mas todas trabalham, todas estudam, tal... Então assim a gente sai com o nosso dinheiro. Chega, bebe, curte normal (TERESA, agosto de 2014)

A jovem inicia o relato voltando a constatar o que observa com muita regularidade. Dado que é o interesse pelo status o que motiva o encontro dos jovens no contexto das saídas e "baladas", *locus* privilegiado da ostentação, o homem seguirá nesse caminho buscando outras mulheres, ou várias ao mesmo tempo. De uma outra perspectiva, que manifesta na forma de um conselho, a jovem sai com amigas que também trabalham e estudam e conseguem "curtir", beber com o próprio dinheiro. Dessa forma, por meio desse caminho buscam substituir, em primeiro lugar, a relação indireta com o dinheiro do crime. E em segundo, alcançar os mesmos objetivos por meio da estratégia do dinheiro conjunto – expresso em "nosso dinheiro". Assim, elas podem também sair e se divertir nos mesmos lugares.

Por fim, Teresa esclarece no seguinte trecho como fica a relação com os homens:

você vai falar assim pra mim: "Ah Teresa, vamos ali na balada que tem um carinho assim". Se pintar algum interesse ali...pintou um interesse ali assim, começar e tal beijar na boca, mas não é status. Não que você sai com o intuito de achar um cara desse. Não compensa porque você fica com um cara ele te acha seu dono, o que acontece? Acontece espancamento, a morte e é isso (TERESA, agosto de 2014).

No contato com os jovens continua buscando o encontro, ainda que fugaz, mas evita que este seja motivado pela busca de status que coloca já de início uma distinção. Seguir nesse caminho, segundo a entrevistada, leva ao homem se sentir "dono" da mulher. Instalada uma relação de subordinação, segue-se a violência e, eventualmente, a morte. Assim, é também o dinheiro, ainda que indiretamente, um dos aspectos principais em torno dos quais se mobilizam significações polares que se entrecruzam no momento da escolha dos caminhos a seguir. Mas, ao mesmo tempo, observa-se que a mediação relacional põe-se, neste caso, como o aspecto de risco ao invés da realização do trabalho direto do crime, como no caso dos homens. Por um lado, se relacionar indiretamente com o "dinheiro fácil" do crime, coloca às jovens numa posição de status. Por outro, a relação de subordinação que se estabelece em seguida pode levar à violência e inclusive à morte.

Além do risco da violência, as jovens apontam para um mecanismo de controle baseado no sentimento de ciúmes, que leva ao afastamento da mulheres da rua e da sociabilidade – principalmente das amigas– para ficarem reclusas em casa. Vejamos o seguinte relato sobre este assunto.

Sara tem 21 anos é auxiliar administrativa de escritório e mora com a mãe. Seu rendimento mensal é de R\$1.300 (1,75 SM). Quando foi realizada a entrevista estava com licença maternidade. Engravidou do namorado quando ainda estava na cadeia. Tinha sido preso por roubo de carga. Ao sair, pensaram morar juntos e começaram construir uma casa no terreno da sogra. Ele tentou buscar emprego e chegou até a se empregar numa fábrica. Mas voltou à vida do crime. Por outro lado, Sara fez um curso de administração no Senac e arranjou um emprego no mercado formal. De uma lado, seu projeto com o namorado ficou a meio caminho, de outro, ela decidiu continuar o roteiro de estudo e trabalho. Ao tratar do assunto das mulheres e suas escolhas, retoma a questão das jovens que se vinculam aos homens por *status*. Além da violência, sofrem um processo de isolamento em relação à rua para ficar em casa, principalmente, pelo ciúme dos namorados. Observe-se este trecho em que relata o caso de uma amiga que saía com um jovem envolvido no mundo do crime:

ele só queria que ela ficasse dentro de casa. É um ciúmes besta. Aí ela saía que nem uma *piriguete*. Aí já batia nela no meio da rua, ela entrava e ficava lá chorando... era assim. Ele morava em outro bairro, ele sabia que saía porque tem amigos né? É assim, esse mundo assim deles. Por exemplo, eu namoro o Leandro, então ele conhece muita gente, então se eu fizer qualquer coisa errada em outro bairro, em outro lugar, vai ter uma pessoa lá que me conhece, que vai falar pra ele o que eu to fazendo. Então essa é a forma deles vigiarem (SARA, agosto de 2014).

A descrição do entrecho mostra o confinamento e a violência vivida por uma jovem em função do ciúme. Ao sair na "rua" com roupas de "*piriguete*", considerada

provocativa, o namorado a agredia²⁰. O sistema de controle das parceiras afetivas é associado ao mundo do crime. Por meio de uma rede social que se espalha pela periferia da cidade e, inclusive pelo sistema presidiário, as companheiras dos jovens inscritos no mundo do crime são vigiadas (LAGO, 2014). Sara, ainda que no caminho do trabalhador e da independência monetária, ao manter uma relação afetiva com um jovem desse mundo, é controlada pela mesma rede. O isolamento e confinamento social vivido por essas mulheres resulta no que chama de trancamento na "bolha". Ou seja, num aprisionamento. Ao se afastarem do mundo, também param de estudar e substituem o salário do trabalho e a possibilidade de ascensão social, pela dependência monetária do homem.

eu acho que essas meninas se trancam numa bolha. Param de estudar por causa de namorado. Eu tive uma prima que fugiu com o namorado dela. Falou que ia pra escola e foi pra outra cidade. Se afastam das amigas, eles acham que a amiga faz a cabeça. Mas isso só acontece com quem tem. É o namorado que tem, que banca. Eu não entendo porque que aceitam isso né? Um exemplo meu, o Leandro, ele trabalha, mas ele não vai poder ficar mandando em mim. Eu compro o que eu quero, eu faço o que eu quero. Ela não, ela não trabalha, é o namorado que dá as coisas. A maioria da minha idade que trabalha não namora (SARA, Agosto de 2014).

A relação de dependência tem a contrapartida material, que se expressa na ação do homem da "bancar". Esta situação coloca-se entre os jovens que "tem", como aponta Sara. Ou seja, entre os que tem *status* e dinheiro via crime e que alimentam essa relação por meio de presentes e obséquios. Eles "dão as coisas" para elas. A contrapartida a esta situação é posta por Sara pela obtenção do salário sem a mediação masculina. Por isso, ela não teria restrições nas decisões sobre os gastos, nem um mando a obedecer, apesar do controle e a vigilância do namorado sobre suas ações morais. Por fim traz a constatação que aquelas jovens que buscam melhorar de vida, adotando roteiro do trabalhado de emprego e estudos, não estão numa relação afetiva: "A maioria da minha idade que trabalha não namora".

Desse modo, os casos Teresa e Sara mostram que ao dilema da escolha entre os caminhos a seguir na vida agrega-se a mediação das relações de gênero com o dinheiro. Este poder de mediação do jovem é o que lhe outorga uma posição superior em relação às mulheres, e estabelece uma hierarquização relacional. O desejo de sair da pobreza material e ganhar *status* leva às jovens a se vincularem

²⁰ Segundo Lago (2014) o termo "piriguete" revela uma moralidade que sanciona o comportamento e a sexualidade de algumas mulheres identificadas como pertencentes a classes populares. Segundo a autora, no contexto do sistema judiciário e prisional, gênero e classe são articulados na elaboração de um termo que, se vem sendo 'positivado' em determinados espaços, ainda serve à demarcação de mulheres cujas ações são – social e judicialmente – condenáveis

indiretamente com o "dinheiro fácil". Em oposição, é posto pelas jovens uma alternativa de melhorar as condições individuais de existência sem a mediação relacional e por meio do roteiro do trabalho e o estudo. Assim, as escolhas mobilizam forças que se opõem no aspecto da mediação relacional com o dinheiro. Por um lado, a vinculação com um homem inscrito no mundo do crime permite às jovens ter acesso material a bens e objetos de consumo sem passar pela experiência do emprego. É importante destacar que no mercado de trabalho as condições salariais e laborais são piores no caso das mulheres. Por outro, a relação mediada com o dinheiro do crime – quem vem em quantias maiores em relação ao salário do trabalhador – pode levar à violência, ao confinamento e até a morte. O outro caminho envolve um distanciamento da relação afetiva que significa dependência e tentar um caminho de estudos e trabalho que ressalta a dimensão individual da ascensão social. Uma relação afetiva nos moldes da dependência pode atrapalhar ou criar um impedimento, numa sorte de concepção de liberdade negativa.

Uma vez fora do contexto mais imediato da ostentação nas baladas e "saídas", as jovens que mantêm a relação mediada com o dinheiro dos jovens, ainda que este tenha se afastado ou esteja tentado se afastar do crime, provoca um processo de isolamento. No caso de Sara, ainda quando houvesse controle e vigilância, o confinamento era impedido pelo fato dela trabalhar.

Nos casos em que esta situação se apresentou no estudo, as jovens confirmaram a experiência do isolamento. Ao mesmo tempo, vimos que nesses casos os benefícios do governo se mostravam mais importantes para a vida material. Regiane tem 24 anos de idade e mora no Jardim Tereza. Diferentemente de Teresa e Sara, não trabalha, é casada e tem uma filha com um jovem que se encontra preso há dois anos por roubo. Finalizou os estudos escolares, mas não mencionou a intenção de fazer um curso. Morava com a mãe e recentemente alugou um quarto com a filha. Recebe o auxílio reclusão – aproximadamente R\$1.300 mensais – dado pelo governo federal aos familiares de presidiários, que tiveram contato com o mercado de trabalho formal²¹. Além disso, conta com a ajuda

²¹ O auxílio reclusão é um benefício legalmente devido aos dependentes de trabalhadores que contribuem para a Previdência Social. Ele é pago enquanto o segurado estiver preso sob regime fechado ou semi-aberto e não receba qualquer remuneração da empresa para a qual trabalha, nem auxílio doença, aposentadoria ou abono de permanência em serviço. Este benefício. Como veremos no próximo capítulo, o benefício tem sido alvo de ataques da classe média e de alguns setores da mídia e partidos políticos para tirá-lo da Constituição. É o caso da PEC (PEC) 304/13, apresentada pela deputada Antônia Lúcia (PSC-AC). O caráter preconceituoso dos argumentos desses setores imprimem-se na forma em que nomeiam o benefício: "Bolas-Bandido"

econômica dos familiares do marido. Dedicar-se hoje aos cuidados da filha do casal e aos dele. Eventualmente, faz um "bico" vendendo roupa ou numa pequena empresa de *buffet*. Faz visitas regulares à cadeia que demandam um deslocamento penoso até o interior. Leva comida e uma série de utensílios pessoais que fazem falta ao jovem no presídio. Geralmente, vai e volta com medo de ser revistada pela polícia. Como ela afirma, aproximou-se ao "mundo do crime" por meio da relação com o marido:

Porque eu entro na cadeia, então eu vejo muita coisa. Tipo assim, essas mulher assim de preso, têm muitas mulheres que são da vida errada e têm outras que não. Vida errada assim, que faz coisa errada, que trafica, que rouba. Entendeu? E tipo assim, eu vejo muitas mulheres que fala assim que se pegar amante assim do marido, já pegou e bateu, já cortou cabelo, sabe? Então eu era de um mundo que eu não tinha nem noção disso, então entrei tipo em um ... Eu falo que eu tô no mundo do crime assim, vendo muita coisa, sabe? (REGINA, setembro de 2014)

Da experiência na cadeia, Regina distingue as mulheres da vida "errada" das outras. Aquelas envolvem-se diretamente no crime ou estão vinculados com alguém desse mundo no contexto da ostentação: bailes, saídas, exibição de objetos de luxo. Em função, dos sentimentos de inveja e ciúmes que desperta em geral o poder de ostentação, em particular em relação aos homens que "tem", proliferam rixas e disputas que acabam muitas vezes com a agressão coletiva contra uma mulher que "roubou" o namorado – conhecidas como "talaricas" –, que vão de chutes a cortes de cabelo e humilhação público, até a morte por espancamento. Regiane afirma ter participado das festas e dos bailes funk, sobretudo, quando o marido foi preso a primeira vez. Mas acabou se afastando da rua:

Saio assim se tiver tipo uma festa de família ou for pra levar tipo minha filha em algum lugar assim, um parque alguma coisa. Agora pra mim sair mesmo assim pra balada não curto mais. Acho que já foi minha época já, eu tô ficando mais velha eu tô... Sabe? Ficando mais caseira... É. Igual, tipo se for pra mim ficar lá na rua eu prefiro ficar aqui dentro assistindo televisão. Não gosto mais. É. E eu não tava nem aí com nada, eu saia, bebia, traia ele demais e ele descobriu quando ele saiu (REGINA, setembro de 2014)

Ao contrário das mulheres da "vida errada", como ela significa de forma negativa, Regina prefere a casa à rua, como ela assinala acabou ficando mais "caseira": suas saídas se restringem à visitas e eventos familiares e as passeios com a filha. Quando estava próxima a esse mundo via-se como uma pessoa irresponsável. Segundo ela, hoje ela já não tem amigas. As relações de amizade foram substituídas pelas familiares. Segundo ela, o "corte" se deu porque "*não me levava pra frente nunca, só me influenciava, só falava tipo coisas que tava me levando pra trás*" (REGINA, setembro de 2014). Assim, indica que as amigas são uma influência negativa – que se traduz em convite as festas, saídas etc – visão que o marido também compartilhava e que fazia questão em expressar. Andar "para frente", nessa perspectiva, é seguir um projeto que coloca ao homem na esfera do

trabalho a ela na esfera dos cuidados domésticos. Espera que, quando ele sair da prisão, possam comprar uma casa e ele arranje um emprego. Desse modo, a melhoria de vida, é visto sob a perspectiva da divisão de papéis e hierarquização interna ao núcleo familiar. Estas eram as características do arranjo familiar operário que Feltran (2012) e Ferreira (2002), identificaram nas suas pesquisas, comum nas periferias dos anos 70 e 80. Há, no entanto, aqui elementos novos; as políticas sociais governamentais e o alto aprisionamento masculino. Nesse caso, as mulheres recebem o benefício diretamente, ainda que o gasto seja feito prioritariamente com a casa, a família e os filhos.

Nos casos que apresentaram condição semelhante mas em que não havia um benefício social envolvido, a situação de mediação relacional do dinheiro com o homem era mais acirrada e a situação material mais precária. Valéria tem 20 anos de idade, não trabalha e não finalizou o ensino básico. Interrompeu os estudos após uma revolta na sua escola contra a diretora que tinha chamado uma colega de "macaca". Ela e mais outros jovens foram impedidos de fazer matrícula novamente. Namora um jovem preso há mais de um ano por tráfico e estava grávida quando iniciamos o acompanhamento do caso. Mora com a mãe numa casa com dois cômodos que compartilhava com o tio, a irmã e o primo. Este tinha contatos com o PCC e foi morto pela polícia menos de um mês antes do início das entrevistas. Valéria chegou a trabalhar com carteira assinada seis meses como arrematadora de calças numa fábrica terceirizada na Zona Norte. Saiu do emprego motivada principalmente pelo baixo valor do salário – era de 1 SM na época – que não compensava às exigências de produção e a inobservância do direito delas irem, por exemplo, ao médico. Segundo Vanessa, não aceitavam seus atestados de saúde. Posteriormente, fez alguns "bicos" em gráficas, como vendedora e cobradora de motorista de lotação. Hoje recebe o dinheiro do aluguel de dois cômodos que são do namorado. São R\$400. Mas o dinheiro não vai para ela diretamente. É por meio do tio do namorado que ela recebe dinheiro e que a cada desembolso deve prestar contas:

Está começando agora, porque ele conseguiu alugar a casa mês passado. Aí a mulher que alugou vai começar a pagar agora. Ele conseguiu alugar por quatrocentos, porque são só dois cômodos. Tem que contar com o dinheiro pra visitar e pra comprar as coisas para o bebê agora.. Não vejo a hora de ganhar pra eu poder ir trabalhar, Eu quero trabalhar. Porque ficar dependendo do dinheiro dele também, é ruim. Eu também nem gosto. Eu não gosto de depender do dinheiro dos outros. É ruim. Se eu quiser fazer [um gasto], [ele pergunta]“pra que você quer?”. Eu não gosto disso. Eu gosto de pegar e gastar. Tipo, ele que controla. O dinheiro vai pra conta do tio dele, aí quando eu quero dinheiro, eu tenho que falar com ele, pra ele falar com o tio dele, pro tio dele liberar pra mim. Aí tem que fazer tudo isso. (VALERIA, fevereiro de 2014)

Os gastos são destinados à comida e utensílio que o jovem precisa no presídio e ao futuro bebê. Segundo relatou, quando precisa dinheiro para pequenos gastos pessoais –cigarro, por exemplo– ela pede para sua tia. Era diferente, ela assinala, quando trabalhava. Por isso, afirma que quer voltar a trabalhar após o nascimento do bebê. Valéria não recebe benefícios do governo e apesar de saber dos benefícios do bolsa família e do auxílio reclusão, não tinha ido até o momento se inscrever no sistema de assistência social. Achava que a chance de outorga era baixa.

Sintetizando, vimos que no caso das mulheres à centralidade do dinheiro na mobilização das significações polares inscritas em cada visão de mundo, junta-se a mediação relacional feita pelo homem. Esta representa o fator de risco – que no caso dos homens vinha da própria realização de atividades ilícitas –, que levam à jovem por um caminho de isolamento, violência e, inclusive, à morte. Desse modo, é a superação deste fator de risco a expectativa mais imediata das jovens que decidem seguir a trilha da ascensão social por meio do trabalho e o estudo. Se no caso dos homens buscava-se a estabilidade, no caso das jovens procura-se a independência monetária. Por outro lado, notamos que as mulheres que levaram adiante a união afetiva conseguiram uma estabilidade, mas atrelada ao papel de hierarquização interna do arranjo familiar e que também reproduz a mediação do dinheiro e o isolamento.

Conclusões

O trabalho apresentou um quadro das representações da dualidade de visões de mundo dos jovens das classes populares: a do *trabalhador* e o *ladrão*. Ao interior de cada uma identificamos a presença de campos de significação que se entrecruzam na forma de pensar dos jovens em função do dilema de escolha de caminhos, provocando uma tensão e uma seqüência de antagonismos.

A saída da pobreza material e a melhora da condição social mostraram-se como aspecto principal do dilema. Esta expectativa envolve o consumo e a obtenção de *status* e, num plano mais radical, o poder de ostentação que permite aos jovens o exercício de uma supremacia em relação aos outros, ainda que ilusória. Desse modo, o dinheiro coloca-se como vértice principal. Na perspectiva do *ladrão*, o dinheiro se obtém de forma fácil e rápida em oposição ao salário do trabalhador que não é só comparativamente muito baixo como também envolve condições sacrificantes de vida para ser obtido. Nesse sentido, os jovens estão dispostos a enfrentar os riscos do crime pela aposta de se tornarem ricos. Ou ainda, gastar tudo o que se recebe para viver nem que seja por um final de semana essa sensação.

Por outro lado, na perspectiva do *trabalhador*, o dinheiro do crime "vai fácil" e não perdura nem rende, nem permite ao jovem alterar sua condição social e material a médio e longo prazo. Assim, na perspectiva do *trabalhador*, emerge no horizonte uma segunda saída à pobreza: a ascensão social. Por meio do estudo e do trabalho, os jovens esperam arranjar um "bom emprego" e ganhar "muito bem" para poder participar de espaços da cidade ou posições ocupacionais que se assemelham àqueles da classe média. É possível com isso, melhorar o status e também as condições de ingresso. Entretanto, este caminho toma mais tempo e envolve a continuidade dos estudos. Condição que se mostrou mais difícil de ser concretizada pelos homens, que como vimos na apresentação de dados gerais, são os que apresentam mais incidência de abandono escolar. Nesse sentido, descobrimos alguns aspectos específicos referentes à condição feminina. À centralidade do dinheiro junta-se a mediação relacional feita pelo homem. Esta representa o fator de risco – que no caso dos homens vinha da própria realização de atividades ilícitas –, que leva à jovem por um caminho de isolamento, violência e, inclusive, à morte. Desse modo a superação dessa mediação a expectativa mais imediata das jovens que decidem seguir o caminho do trabalhador. Se no caso dos homens buscava-se a estabilidade, no caso das jovens procura-se a independência monetária. Em seguida, ao alcançar a independência, buscam também a melhora da condição social visto no empenho nos estudos e a busca de um empregos no mercado formal. Por outro lado, notamos que as mulheres que levaram adiante a união afetiva conseguiram uma estabilidade, mas atrelada ao papel de hierarquização interna do arranjo familiar e que também reproduz a mediação do dinheiro e o isolamento. Desse modo, apresentam-se duas situações opostas entre as mulheres do estudo. Por um lado, um grupo em vias de ascensão social que concluíram os estudos e ainda moram com os pais. Estas se mostraram mais a frente, nesse sentido, que os jovens que apresentam dificuldades na conclusão dos estudos e, além disso, são fortemente atraídos pelo crime. Por outro lado, encontramos um grupos de jovens que não trabalham, nem estudam. Mantêm uma relação mediada com o dinheiro e apresentam as piores condições materiais e sociais. Vivem afastadas da rua e seu cotidiano se restringe à família e a visitas ao médicos, postos de saúde, etc. Nesses casos, a situação era um pouco melhor entre aquelas que recebiam benefícios do governo. A expectativas no casos dessas jovens é a reprodução de um arranjo familiar comum na periferia nos anos 70 e 80.

Vimos também que os jovens, ao ter dificuldades de se afastar da vida do crime a medida em que o aprofundamento no crime vai trazendo mais instabilidade – vista no abandono e retomada dos estudos e de empregos –, se aproximam da

igreja evangélica como última tentativa de "saída" do crime. Assim, as incertezas do crime encontram as revelações futurísticas, nas igrejas evangélicas.

Por fim, a experiência do trabalho que os jovens do estudo tiveram tanto no mercado formal como informal, mostrou-se como outro aspecto decisivo. Em termos positivos, valoriza-se o emprego formal como um elemento fundamental para, junto aos estudos, iniciar a trilha da ascensão social. Além disso, constitui uma espécie de "salvação" ou "fio de esperança" para os que querem se afastar do caminho do crime, estabilizar a vida ou se independizarem da relação mediada com o dinheiro. Os direitos atrelados à carteira assinada são valorizados pela proteção em relação ao alto risco dos trabalhos informais e a vida no crime. Em termos negativos, aponta-se para os baixos salários, à curta duração de alguns postos de trabalho, às precárias condições, e à humilhação e falta de respeito com que os trabalhadores são tratados cotidianamente nesses mesmos empregos. Assim, começam a aparecer os elementos contraditórios em relação aos empregos formais oferecidos. Os jovens da década lulista encontram empregos com carteira assinada porém, com baixa remuneração, alta rotatividade e condições de trabalho precárias. Portanto, se entrecruzam sentidos opostos: uma dimensão positiva vista na ampliação do acesso ao mercado de trabalho e uma negativa, nas condições de inserção. Por fim, esta contradição mostra-se também na expectativa de estabilidade e melhorar as condições materiais de existência na busca de emprego entre os jovens, por um lado, e no ressentimento que descreve o sentimento de "inferioridade" e injustiça que decorre da experiência de espoliação cotidiana do trabalhador, por outro.

Bibliografia

ANTUNES, R (1999) Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 1ª ed. São Paulo: Boitempo

CALDEIRA, T (1984) A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: editora brasiliense

CORTES, M (2013) O mercado pentecostal de pregações e testemunhos: formas de gestão do sofrimento na periferia Texto apresentado no 37o Encontro Anual da ANPOCS.

FELTRAN, G (2011) Fronteiras de Tensão: política e violência na periferia de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp

_____ (2008) O legítimo em disputa: As fronteiras do "mundo do crime" nas periferias de São Paulo. DILEMAS Vol. 1 - n. 1, p.93-126

FERREIRA, M. I (2002)"A Ronda da pobreza: violência e morte na solidariedade". Novos Estudos Cebrap, n. 63, pp. 167-178

GRAMSCI, A. (1999) Introdução ao estudo da filosofia: A filosofia de Benedetto Croce. Volume 1. Ed. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

KEHL, M. R. (2011) Ressentimento. São Paulo: Casa do Psicólogo,

LAGO (2014) Mulheres na prisão: entre famílias, batalhas e a vida normal. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

LIPSET, S (1967) O Homem Político. Rio de Janeiro: Zahar editores

MALVASI, P (2012). Interfaces da vida loka: Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

LOWY M (2014) O capitalismo como religião. São Paulo: Boitempo

NOGEIRA, C (2009) As trabalhadoras do telemarketing: uma nova divisão sexual do trabalho?. IN: R. ANTUNES e R. BRAGA (orgs) Infoproletários , degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo

TEIXEIRA, (2009). A construção social do "ex-bandido" um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro

POCHMANN, M. (2012) Nova classe média? o trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo

TAUSSIG, M (1980) O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. Tradução Priscila Santos da Costa. São Paulo: Ed. UNESP

TERUKI, E. (2007) Espírito rixoso: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias. Revista do IEB n 44 p. 105-124 fev